MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ZOOLOGIA
CURSO DE MESTRADO

REVISÃO TAXONÔMICA DO GÊNERO NEOTROPICAL *XEROPIGO* PICKARD-CAMBRIDGE (ARANEAE, CORINNIDAE, CORINNINAE)

Danni Roberto Santos de Souza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Zoologia, Curso de Mestrado, do Museu Paraense Emílio Goeldi e Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Zoologia.

Orientador: Dr. Alexandre Bragio Bonaldo

Belém – PA
2005

DANNI ROBERTO SANTOS DE SOUZA

REVISÃO TAXONÔMICA DO GÊNERO NEOTROPICAL *XEROPIGO* PICKARD-CAMBRIDGE (ARANEAE, CORINNIDAE, CORINNINAE)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Zoologia, Curso de Mestrado, do Museu Paraense Emílio Goeldi e Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Zoologia.

Orientador: Dr. Alexandre Bragio Bonaldo

Belém – PA

2005

DANNI ROBERTO SANTOS DE SOUZA

REVISÃO TAXONÔMICA DO GÊNERO NEOTROPICAL *XEROPIGO* PICKARD-CAMBRIDGE (ARANEAE, CORINNIDAE, CORINNINAE)

Banca Examinadora:

Dr. Alexandre Bragio Bonaldo
(Presidente)
Coordenação de zoologia
Museu Paraense Emilio Goeldi

Dr. Antonio Domingos Brescovit
(Titular)
Laboratório de Artrópodes peçonhentos
Instituto Butantan (IBSP)

Dr. Ricardo Pinto-da-Rocha
(Titular)
Departamento de Zoologia
Instituto de Biociências
Universidade de São Paulo (USP)

Dra. Ana Lucia Prudente
(Titular)
Coordenação de Zoologia
Museu Paraense Emilio Goeldi (MPEG)

Dr. Jose Antonio Marin Fernandes
(Suplente)
Departamento de Zoologia
Centro de Ciências Biológicas
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Belém – PA
2005

"Em vão buscaremos a felicidade ao longe se não a cultivarmos dentro de nós mesmos"

Russeau

Para minhas mães, Aldenora Santos e Maria Virgínia Pedroso, com presenças sempre valiosas em minha vida.

Para o meu grande amor Cíntia Ribeiro, pelo amor, paz e por todos os momentos maravilhosos.

À minha pequena filha, Camila Souza, pela inspiração e grande felicidade de tê-la.

Aos meus irmãos Samuel, Rutelene, Cilas, David, Denis e Denílson (*in memorian*).

A todos meus familiares, que mesmo distantes, residem em meu coração.

Para aquele que, um dia, me ensinou seguir meus sonhos. Meu pai: Raul Fermin Roberto Aguillera (*in memorian*).

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador e amigo Dr. Alexandre Bragio Bonaldo, por todo os suportes durante esses anos de convivência. Também pela amizade, apoio, risadas (de vez em quando) e acolhimento no início da minha jornada dentro da Aracnologia.

Aos amigos de laboratórios José Augusto Barreiros, David Candiani, Janael Ricetti, Cleiton Araújo, Nancy Lo-Man-Hung, Laura Miglio, Deise Lobo, Adriane, Elaine Vanzler (estou esquecendo de alguém?) por todos os momentos de descontração e pelos apoios que recebi durante essa jornada.

A Dr. José Antonio Marin Fernandes pela força e incentivo (GOD SAVE THE BRITISH ROCK!!!!).

Ao setor do Sensoriamento Remoto, do Museu Paraense Emílio Goeldi, em especial a Paulo Junior, pela confecção dos mapas de distribuição das espécies do gênero *Xeropigo*.

Ao Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), pela oportunidade. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de estudos.

As amigas Dorotéa e Anete, por toda paciência e por colocar meu nome nos finais de semana sem solicitação.

Ao meu melhor amigo Ronildon Miranda pela força, incentivo, apoio e pelas risadas durante essa difícil jornada.

A todos os companheiros e amigos de pós-graduação, Flávio Pimenta, Rodrigo d´Alincourt, Eduardo (DUKA), Rosyvaldo Miranda, Ivanei Souza, Carolina Cigerza, Ana Ely, Sue Costa, Ana Lima, Marco Antonio, Alexandre Bragança, João Valsechi, Darlan, Tatiana Martins, Alexandre Hercos, Alexandre Bragança Catarina Praxedes, Izaura, Gleomar, Miúdo pela força e pelos bons momentos durante esses anos.

A todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para a realização dessa dissertação.

SUMÁRIO

LISTAS DE FIGURAS v

RESUMO viii
ABSTRACT ix

INTRODUÇÃO 01

OBJETIVOS 07
Geral 07
Específicos 07

MATERIAL E MÉTODOS 08
Material 08
Métodos 09
Descrição 09
Mensurações 09
Espinulação 10
Estudo da genitália 10
Listagem do material examinado 10
Abreviaturas utilizadas 10
Ilustrações 11

TAXONOMIA 12
Xeropigo 12

Chave para espécies de *Xeropigo* 21

Xeropigo tridentiger 24

Xeropigo smedigari 28

Xeropigo candango 29

Xeropigo rheimsae 33

Xeropigo camilae 36

Xeropigo cotijuba 41

Xeropigo pachitea 46

Xeropigo perene 50

Xeropigo brescoviti 53

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 57

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –*Xeropigo tridentiger*. Carapaça. Região ocular dorsal 17

Figura 2 – *Xeropigo tridentiger*. Carapaça. Região ocular dorsal..... 17

Figura 3 – *Xeropigo cotijuba*. Carapaça, dorsal 17

Figura 4 – *Xeropigo cotijuba*. Carapaça. Região ocular, dorsal 17

Figura 5 – *Xeropigo cotijuba*. Carapaça. Região ocular, frontal 17

Figura 6 – *Xeropigo cotijuba*. Carapaça. Pêlos, dorsal 17

Figura 7 – *Xeropigo tridentiger*. Quelícera, prolateral 18

Figura 8 – *Xeropigo tridentiger*. Quelícera, retrolateral 18

Figura 9 – *Xeropigo tridentiger*. Quelícera, ventral 18

Figura 10 – *Xeropigo tridentiger*. Quelícera, garra 18

Figura 11 – *Xeropigo cotijuba*. Endito, dorsal 18

Figura 12 – *Xeropigo cotijuba*. Endito. Sérrula, dorsal 18

Figura 13 - *Xeropigo tridentiger*. Lábio, ventral 19

Figura 14 – *Xeropigo tridentiger*. esterno, lábios e coxas, ventral..... 19

Figura 15 – *Xeropigo tridentiger*. Coxa I, prolateral, janela retrocoxal 19

Figura 16 – *Xeropigo tridentiger*. Janela retrocoxal 19

Figura 17 – *Xeropigo tridentiger*. Fêmur I, retrolateral 19

Figura 18 – *Xeropigo tridentiger*. Tarso III, retrolateral. Pêlos subungueais 19

Figura 19 – *Xeropigo cotijuba*. Tarso IV, prolateral. Unhas tarsais e pêlos subungueais 20

Figura 20 – *Xeropigo cotijuba*. Tarso I, prolateral. Unhas tarsais 20

Figura 21 – *Xeropigo cotijuba*. Fêmur I, retrolateral 20

Figura 22 – *Xeropigo tridentiger*. Tíbia IV, dorsal. Tricobótria 20

Figura 23 – *Xeropigo cotijuba*. Abdômen, ventral. Epiândrum 20

Figura 24 - *Xeropigo cotijuba*. Epiândrum, ventral 20

Figura 25 - *Xeropigo tridentiger*. Palpo do macho, ápice do bulbo, ventral..... 27

Figura 26 - *Xeropigo tridentiger*. Palpo do macho ápice do bulbo, retrolateral..... 27

Figura 27 – *Xeropigo tridentiger*. Palpo do macho, retrolateral. Lobo ventral da ATR retrolateral..... 27

Figura 28 - *Xeropigo tridentiger*. Palpo do macho, retrolateral. Lobo dorsal trífido retrolateral..... 27

Figura 29 - *Xeropigo tridentiger*. Epígino, ventral 27

Figura 30 - *Xeropigo tridentiger*. Epígino ventral. Aberturas copulatórias 27

Figura 31 – *Xeropigo candango*. Palpo do macho, ventral 32

Figura 32 – *Xeropigo candango*. Palpo do macho, retrolateral 32

Figura 33 – *Xeropigo candango*. Epígino, ventral 32

Figura 34 – *Xeropigo candango*. Epígino, dorsal 32

Figura 35 – *Xeropigo rheimsae*. Palpo do macho, ventral 35

Figura 36 – *Xeropigo rheimsae*. Palpo do macho, retrolateral 35

Figura 37 – *Xeropigo camilae*. Palpo do macho, ventral 39

Figura 38 – *Xeropigo camilae*. Palpo do macho, retrolateral 39

Figura 39 – *Xeropigo camilae*. Epígino, ventral 40

Figura 40 – *Xeropigo camilae*. Epígino, dorsal 40

Figura 41 – *Xeropigo camilae*. Epígino, ventral (Variação 1) 40

Figura 42 – *Xeropigo camilae*. Epígino, dorsal (Variação 1) 40

Figura 43 – *Xeropigo camilae*. Epígino, ventral (Variação 2) 40

Figura 44 – *Xeropigo camilae*. Epígino, dorsal (Variação 2) 40

Figura 45 – *Xeropigo cotijuba*. Palpo do macho, Ápice do bulbo, ventral..... 44

Figura 46 – *Xeropigo cotijuba*. Palpo do macho, ventral. Condutor 44

Figura 47 – *Xeropigo cotijuba*. Palpo do macho, ventral. Lobo ventral da ATR ... 44

Figura 48 – *Xeropigo cotijuba*. Palpo do macho, retrolateral. Lobo dorsal da ATR 44

Figura 49 – *Xeropigo cotijuba*. Epígino, ventral 44

Figura 50 – *Xeropigo cotijuba*. Epígino, ventral. Aberturas copulatórias 44

Figura 51 – *Xeropigo cotijuba*. Carapaça e abdômen, dorsal 45

Figura 52 – *Xeropigo cotijuba*. Palpo do macho, ventral 45

Figura 53 – *Xeropigo cotijuba*. Palpo do macho, retrolateral 45

Figura 54 – *Xeropigo cotijuba*. Epígino, ventral 45

Figura 55 – *Xeropigo cotijuba*. Epígino, dorsal 45

Figura 56 – *Xeropigo pachitea*. Palpo do macho, ventral 49

Figura 57 – *Xeropigo pachitea*. Palpo do macho, retrolateral 49

Figura 58 – *Xeropigo pachitea*. Epígino, ventral 49

Figura 59 – *Xeropigo pachitea*. Epígino, dorsal 49

Figura 60 – *Xeropigo perene*. Epígino, ventral 52

Figura 61 – *Xeropigo perene*. Epígino, dorsal 52

Figura 62 – *Xeropigo brescoviti*. Palpo do macho, ventral 55

Figura 63 – *Xeropigo brescoviti*. Palpo do macho, dorsal 55

Figura 64 – Mapa de distribuição das espécies novas de *Xeropigo* 56

RESUMO

O gênero *Xeropigo* O. Pickard-Cambridge é revisado, com a proposição de sete espécies novas neotropicais.: *X. candango*, com base em machos e fêmeas de Brasília, Distrito Federal e Goiás, Brasil; *X. rheimsae*, com base em machos de Goiás, Brasil; *X. camilae*, com base em machos e fêmeas do norte e centro-oeste do Brasil; *X. cotijuba*, com base em machos e fêmeas do norte e centro-oeste do Brasil; *X. pachitea*, machos e fêmeas de Huánuco e Cajamarca, Peru; *X. perene*, com base em fêmeas de Junin e Loreto, Peru; *X. brescoviti* com base em machos de Beni, Bolívia. As espécies anteriormente conhecidas, *X. tridentiger* (O. Pickard-Cambridge, 1869), espécie-tipo, descrita da ilha de Santa Helena, mas também registrada nas Américas do sul e Central e *X. smedigaari* (Caporiacco, 1955), do norte da Venezuela e Trinidad, são rediagnosticadas sendo fornecidos novos registros e ilustrações de *X. tridentiger*. Uma chave dicotômica para todas as nove espécies conhecidas, bem como um mapa de distribuição georreferenciado para as espécies aqui propostas são também fornecidos.

ABSTRACT

The genus *Xeropigo* O. Pickard-Cambridge, 1882 is revised, with the proposition of seven neotropical new species: *X. candango*, based in males and females from Brasília, Distrito Federal and Goiás, Brazil; *X. rheimsae*, based in males from Goiás, Brazil; *X. camilae*, in males and females from north and middle west of Brazil; *X. cotijuba*, in males and females from north and middle west of Brazil; *X. pachitea*, based in males and females from Huánuco and Cajamarca, Peru; *X. perene*, in females from Junin and Loreto, Peru; *X. brescoviti*, in males from Beni, Bolivia. The previously known species, *X. tridentiger* (O. Pickard-Cambridge, 1869), type-species, described from Santa Helena Island, Atlantic Ocean, but also known from South and Central Americas, and *X. smedigaari* (Caporiacco, 1955) from North Venezuela and Trinidad, are readgnosed. New records and illustrations of *X. tridentiger* are given.

1. INTRODUÇÃO

A subfamília Corinninae foi proposta por KARSCH (1880) para abrigar táxons incluídos, na época, na antiga família Drassoidae (atual Gnaphosidae). Dezessete anos depois, Corinninae foi retirada de Drassoidae e incluída como uma subfamília de Clubionidae por SIMON (1897a). Segundo este autor Clubionidae era formada por sete subfamílias: Selenopinae, Sparassinae, Clubioninae, Cteninae, Liocraninae, Micariininae e Corinninae. SIMON (1897a) listou alguns caracteres para justificar este grande agrupamento. No entanto, segundo BOSSELAERS & JOCQUÉ (2002) muitos dos caracteres utilizados não se aplicam a todos os 182 gêneros incluídos, enquanto que outros caracteres também são aplicáveis a gêneros de outras famílias.

Até a primeira metade do século XX, três das subfamílias de Clubionidae ***sensu*** SIMON (1897a) haviam sido elevadas ao nível de família (Selenopidae, Sparassidae e Ctenidae). Ainda assim, Clubionidae permanecia um grupo heterogêneo, uma vez que abrigava aranhas sem uma consistência definida. REISKIND (1969) observou que o gênero *Micaria* Westring era na verdade um representante de Gnaphosidae, e propôs em Clubionidae, uma nova subfamília, Castianeirinae, para abrigar *Castianeira* Keyserling, *Myrmecium* Latreille e outros gêneros relacionados, cuja afinidade com *Micaria* fora refutada.

LEHTINEN (1967) apontou a fragilidade da taxonomia clássica utilizada por Simon e demonstrou a artificialidade de Clubionidae, propondo a fragmentação desta família. Este autor argumentou que Clubionidae apenas agrupava aranhas que não apresentam modificações importantes no padrão básico do cefalotórax e do abdômen, elevando Corinninae e Liocraninae ao status de família.

Atualmente, o status de família para Corinnidae é amplamente aceito, no entanto este consenso se deu muito mais pela aceitação da fragmentação de Clubionidae do que pelo aumento de conhecimento dos subgrupos de Corinnidae (BONALDO, 2000).

A família Corinnidae, tal como diagnosticada por BONALDO (1997, 2000), possui a seguinte combinação de caracteres: cefalotórax e pernas, em geral, fortemente esclerotinizados; oito olhos em duas filas, exceto *Ecitocobius* Bonaldo & Brescovit, que possui dois olhos; duas unhas tarsais; pêlos subungueias simples, em tufos geralmente densos; base das tricobótrias com placa basal rebaixada e placa crescente com borda alongada, projetada sobre a placa basal em ângulo agudo; aberturas pulmonares dilatadas; espiráculo traqueal inconspícuo, contíguo às fiandeiras; traquéias restritas ao abdômen; fiandeiras laterais cônicas, contíguas na base, sem dimorfismo sexual, com artículo distal curto.

Fêmeas apresentam três fúsulas das glândulas cilíndricas nas fiandeiras médias posteriores e duas nas laterais posteriores, exceto em alguns traquelíneos, com múltiplas fúsulas das glândulas cilíndricas nas fiandeiras médias posteriores; tégulo do palpo do macho sem apófise média, exceto em *Ianduba* Bonaldo e outros gêneros de Corinnidae **Incertae sedis.**

BONALDO (1997) indicou que a modificação da base das tricobótrias pode ser uma sinapomorfia de Corinnidae, incluindo o gênero neotropical *Ianduba* e outros três gêneros africanos (*Mandaneta* Strand, *Procopius* Thorell e *Pseudocorinna* Simon) em Corinnidae **insertae sedis**. RAMIREZ **et al.** (2001), indicaram que o gênero *Olbus* Simon, endêmico do Chile, é também um Corinnidae **incertae sedis.** Estes gêneros compartilham com outros Corinnidae a base das tricobótrias modificadas, mas suas características não se enquadram nas diagnoses das subfamílias reconhecidas em Corinnidae até o momento.

Atualmente, Corinnidae apresenta quatro subfamílias formalmente estabelecidas. Corinninae Karsch, Castianeirinae Reiskind, Trachelinae Simon e Phrurolithinae Banks.

REISKIND (1969) definiu Castianeirinae pelo bulbo do palpo do macho periforme (bulbo com base globular, estendido apicalmente; reservatório com uma ou mais voltas; êmbolo apical) e pela estrutura epiginal simples (um par de aberturas copulatórias e ductos copulatórios ligados a espermatecas fortemente esclerotinizadas).

O estudo taxonômico de Trachelinae está relativamente avançado, graças aos trabalhos de PLATNICK (1975); PLATNICK & SHADAB (1974a, 1974b); PLATNICK & EWING (1995) e PLATNICK & ROCHA (1995). Segundo PLATNICK & SHADAB (1974b), este grupo é caracterizado pela presença de cúspulas nas pernas e uma forte redução na espinulação das pernas 3 e 4.

Phrurolithinae foi transferida recentemente de Liocranidae para Corinnidae por BOSSELAERS & JOCQUÉ (2002), que fizeram uma análise filogenética de 38 gêneros incluidos nestas famílias. Esses autores argumentaram que este grupo, a exemplo de Castianeirinae, Trachelinae e Corinninae é claramente definido e sustentados por várias sinapomorfias. Porém, estes autores não corroboraram o monofiletismo de Corinnidae, argumentando que Castianeirinae é mais relacionado à gêneros atualmente listados em Liocranidae do que à outros grupos de Corinnidae. PLATNICK & UBICK (1989) caracterizaram Phrurolithinae pelo palpo do macho com uma apófise femoral ventral, presença de unhas tarsais simples e numerosos espinhos ventrais nas tíbias e metatarsos I e II; fiandeiras das fêmeas com várias fúsulas das glândulas cilíndricas dispostas em duas filas.

A subfamília Corinninae tem como gênero- tipo *Corinna*, proposto por L. KOCH (1842). Corinninae pode ser reconhecido pelo percurso helicoidal do reservatório no bulbo do palpo do macho (PLATNICK & BAPTISTA, 1995; BONALDO, 1997). BONALDO

(1996) destacou que o gênero *Corinna* serviu, durante a maior parte do século XX, como um mero depositário artificial de espécies. Na ocasião, redescreveu a espécie-tipo *Corinna rubripes* L. Koch, indicando que o condutor esclerotinizado é uma sinapomorfia putativa do gênero e que, conseqüentemente, grande parte das espécies descritas em *Corinna*, deveriam ser transferidas para outros gêneros de Corinninae, uma vez que compartilham a presença do condutor hialino.

BONALDO (1997) indicou que o monofiletismo de Corinninae depende da exclusão de alguns gêneros (*Mandaneta*, *Pseudocorinna*, *Procopius*), os quais apresentam o reservatório não-helicoidal. Na mesma ocasião, sugeriu que Corinnidae seja um grupo primariamente neotropical, pois provavelmente todos os registros deste grupo fora desta região referem- se a espécies neotropicais sinantrópicas, tais como *Creugas gulosos* Thorell e *Xeropigo tridentiger* O. Pickard-Cambridge.

BONALDO (2000) fez a revisão desta subfamília, em um trabalho que pode ser considerado como a principal base para o aprofundamento dos estudos taxonômicos em corinnineos neotropicais. Naquela ocasião foram reconhecidos e caracterizados 17 gêneros. Foram propostos seis gêneros: *Abapeba*, *Septentrinna*, *Simonestus*, *Tapixaua*, *Erendira* e *Tupirinna*. Foram revalidados os gêneros *Paradiestus* Mello-Leitão, *Falconina* Brignoli e *Creugas* Thorell. Foram diagnosticados *Attacobius* Roewer e *Ecitocobius* Bonaldo & Brescovit e foram redescritos *Corinna* C. L. Koch, *Methesis* Simon, *Megalostrata* Karsch, *Stethorragus* Simon, *Parachemmis* Chickering, *Attacobius* Roewer e *Xeropigo* O. Pickard-Cambridge.

O elenco deste grupo, tal como definido por BONALDO (1997, 2000) é reconhecido pela combinação dos seguintes caracteres: quelíceras geniculadas (exceto *Methesis* e machos de *Megalostrata*); tíbias e metatarsos com espinhos ventrais dispostos em pares; palpo do macho sem apófise média, com condutor hialino ou

esclerotinizado (exceto *Megalostrata*). Epígino com uma ou duas aberturas de copulação; vulvas com espermatecas secundárias, visíveis por transparência, geralmente grandes (exceto *Methesis*, *Erendira* e *Tupirina*).

BONALDO & BRESCOVIT (no prelo) admitiram que o processo tegular de Atacobbini (Corinnidae, Corinninae), pode ser homólogo à apófise média presente, por exemplo, em *Ianduba* Bonaldo. Estes autores indicam que os processos tegulares presentes em *Xeropigo* e pelo menos dois grupos de *Corinna* também podem ser homólogos à apófise média. Neste caso a presença da apófise média seria uma simplesiomorfia em Corinninae.

O gênero *Xeropigo* foi erigido por O. PICKARD-CAMBRIDGE (1882) para abrigar *X. tridentiger*, espécie ocorrente na Ilha de Santa Helena, Oceano Atlântico, descrita originalmente em Sparassidae, no gênero *Olios* Walckenaer, por O. PICKARD-CAMBRIDGE (1869). Este nome genérico foi sinonimizado com *Corinna* por SIMON (1898), que advogava um conceito abrangente do gênero-tipo. BENOIT (1977) revalidou *Xeropigo*, após este ter permanecido por 79 anos em sinonímia com *Corinna*.

A segunda espécie conhecida do gênero, *X. smedigaari*, foi proposta por CAPORIACCO (1955) em *Corinna*, tendo permanecido nesta combinação até sua transferência para *Xeropigo* por BONALDO (2000).

BONALDO (2000) sustentou que a distribuição de *Xeropigo* é primariamente neotropical. A espécie-tipo é um dos corinídeos mais comuns das Américas do Sul e Central, apesar de ter sido originalmente descrito na Ilha de Santa Helena, no Oceano Atlântico.

Ao revisar as duas espécies conhecidas até então, *X. tridentiger* e *X. smedigaari*, BONALDO (2000) diagnosticou o gênero pela presença, no palpo do macho, de uma apófise tibial retrolateral bilobada; lobo ventral com uma área mediana pouco

esclerotinizada; condutor esclerotinizado, com margens prolateral e retrolateral projetadas, formando uma calha mediana; êmbolo filiforme de inserção prolátero-apical; processo tegular de base pouco esclerotinizado, sobreposto ao êmbolo e ao condutor. Fêmeas foram reconhecidas pelo epígino com duas minúsculas aberturas copulatórias medianas e uma projeção mediana na borda posterior.

Neste trabalho apresenta-se a revisão taxonômica do gênero *Xeropigo* O. Pickard-Cambridge (Corinnidae: Corinninae), incluindo duas espécies descritas em BONALDO (2000) e propondo-se sete espécies novas para a ciência: *Xeropigo candango*, *Xeropigo rheimsae*, *Xeropigo camilae*, *Xeropigo cotijuba*, *Xeropigo pachitea*, *Xeropigo perene* e *Xeropigo brescoviti*. A descrição destas espécies, todas procedentes da América do Sul é compatível com a hipótese de BONALDO (2000) de que o gênero seria realmente neotropical. Assim, uma vez que a espécie-tipo (*X. tridentiger*) tem ampla ocorrência nas Américas do Sul e Central, é possível que tenha sido introduzida em sua localidade-tipo.

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL

Realizar a revisão taxonômica do gênero *Xeropigo* O. Pickard-Cambridge (Corinnidae, Corinninae).

2.2 ESPECÍFICOS

a) Descrever e diagnosticar espécies novas do gênero *Xeropigo* O. Pickard-Cambridge novas para a ciência.

b) Fazer um levantamento de caracteres diagnósticos do gênero através da produção de fotos em microscopia eletrônica de varredura e de ilustrações em câmara clara.

c) Georreferenciar os registros disponíveis a fim de estabelecer a distribuição geográfica conhecida das espécies de *Xeropigo*.

d) Elaborar uma chave dicotômica para todas as espécies do gênero *Xeropigo*.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 MATERIAL

O material examinado pertence as seguintes coleções, com as respectivas siglas (nome dos curadores entre parênteses): AMNH, "American Museum of Natural History" (N. I. Platnick), New York; CAS, "California Academy of Science" (C. E. Griswold), San Francisco; IBSP, Instituto Butantan, São Paulo (A. D. Brescovit); INPA, Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, Manaus (C. U. Magalhães); MCN, Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (E. H. Buckup); MCTP, Museu de Ciência e Tecnologia, Pontífici Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (A. A. Lise); MCZ, "Museum of Comparative Zoology", Cambridge (G. Giribet); MPEG, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém (A. B. Bonaldo); UEFS, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana (I. Biondi); UNB, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal (P. C. Motta).

3.2 MÉTODOS

3.2.1 - Descrições

As descrições das espécies novas foram baseadas em um único espécime de cada sexo, a partir do material-tipo de cada espécie. As variações intra-específicas estão listadas em um item à parte.

Os itens incluídos em cada descrição foram: (1) dados do holótipo; (2) etimologia; (3) diagnose; (4) descrição propriamente dita (coloração, mensurações, espinulação); (5) variação intra-específica; (6) distribuição geográfica; (7) material adicional, incluindo parátipos.

3.2.2- Mensurações

As técnicas de mensuração foram semelhantes as aplicadas por BONALDO (1994, 2000). As medidas foram expressas em milímetros (mm), exceto as interdistâncias oculares, as quais foram expressas em unidades de diâmetros oculares, como implícito nas descrições.

O comprimento total foi obtido em vista dorsal, da borda do clípeo ao ápice do turbéculo anal, excluindo-se as quelíceras e as fiandeiras.

Os diâmetros oculares foram tomados com os olhos posicionados de perfil e foi medido apenas a distância entre as margens da córnea, excluindo a eventual pigmentação escura circundante. As interdistâncias oculares foram tomadas em posição dorsal para os olhos anteriores, e frontal para os olhos posteriores. As interdistâncias entre os olhos laterais foram medidas em vista dorsal.

O comprimento de cada fêmur foi obtido em vista lateral, na linha dorsal de cada artículo.

3.2.3- Espinulação

O número e disposição dos espinhos foram expressos de acordo com as notações de PETRUNKEVITCH (1925), sendo registrados os espinhos das faces dorsal, ventral, prolateral e retrolateral dos fêmures, tíbias e metatarsos de cada perna. Caso haja inconsistência na espinulação de segmentos homólogos, a discrepância é registrada entre parênteses (ver pág. 36).

3.2.4 - Estudo das genitálias

A visualização das estruturas internas do epígino foi feita através do retirada deste do abdômen e a sua imersão em óleo de cravo (LEVI, 1965).

3.2.5 - Listagem do material examinado

A listagem do material examinado de cada espécie segue uma escala direcionada de norte ao sul e de leste a oeste, do topônimo mais abrangente ao mais restrito. A sequência dos dados listados foi: país, estado ou departamento, município, localidade, número de indivíduos de cada sexo, data de coleta, coletor, sigla da instituição depositária e número do lote.

3.2.6 - Abreviaturas utilizadas

São utilizadas as seguintes abreviaturas: AR: alça do reservatório; ATR, apófise tibial retrolateral; C, condutor; LD, lobo dorsal da ATR; LV, lobo ventral da ATR; D, dorsal; OLA, olhos laterais anteriores; OLP, olhos laterais posteriores; OMA, olhos médios anteriores; OMP, olhos médios posteriores; P, prolateral; PTX, processo tegular de *Xeropigo*; pPTX, processo basal do PTX; PV, processo ventral da apófise tibial retrolateral; PVP, placa vulvar posterior; Pvd, Processo ventral do lobo dorsal da ATR;

Pmd, Processo mediano do lobo dorsal da ATR; Pdd, Processo dorsal do Lobo dorsal da ATR; R, retrolateral; RD, Região distal do reservatório; V, ventral.

3.2.7 – Ilustrações

Os desenhos em câmara clara do palpo do macho foram realizados nas posições ventral e retrolateral. O epígino foi ilustrado nas vistas ventral e dorsal.

As fotomicrografias foram obtidas no Microscópio Eletrônico de Varredura, Zeiss LEO 1450 VP, do Laboratório Institucional de Microscopia Eletrônica de Varredura do MPEG.

O material utilizado nas sessões de fotomicrografias foi preparado da seguinte forma: as pernas, os palpos e as quelíceras foram destacados do cefalotórax. A carapaça e o esterno foram separados por meio de pinça e alfinetes entomológicos. Foi feito um corte na linha média do abdômen separando a porção anterior da posterior. Todas as peças passaram por uma sessão de ultrassom para limpeza e levadas ao ponto crítico para secagem. Posteriormente, as peças foram fixadas em **stubs** e metalizadas.

As pernas foram fotomicrografadas em posição dorsal, buscando visualizar tricobótrias e em posição retrolateral para a visualização das unhas, pêlos subungueias, escópulas e janela retrocoxal. O palpo do macho foi fotomicrografado nas vistas ventral e retrolateral. Na carapaça, foram fotomicrografadas a região ocular, as bordas, o sulco torácico e os pêlos. Na face ventral do cefalotórax, foram visualizados o esterno, os lábios e os enditos, este também foi fotografado em vista dorsal, buscando a sérrula. Na região anterior do abdômen foram fotomicrografados o sulco epigástrico e as aberturas respiratórias. Nas fêmeas, foi visualizado o epígino e nos machos, o epiandrum.

4. TAXONOMIA

Xeropigo O. Pickard-Cambridge

Xeropigo O. PICKARD-CAMBRIDGE, 1882: 423 (espécie-tipo por monotipia, *Olios tridentiger* O. Pickard-Cambridge, 1869); sinonimizado por *Corinna* por SIMON, 1898: 199; BONNET, 1958:4843; revalidado por BENOIT, 1977:64; PLATNICK, 1993:622; 1997:725; 2005; BONALDO, 2000:54.

Diagnose. Espécies de *Xeropigo* podem ser reconhecidas pela seguinte combinação de caracteres: palpo do macho com ATR bilobada; lobo ventral com PV apical e uma área mediana pouco esclerotinizada (figs. 27, 28, 47, 48); condutor esclerotinizado, com margens prolateral e retrolateral projetadas formando uma calha mediana (fig. 26, 46); processo tegular (PTX) de base pouco esclerotinizada, sobreposto ao êmbolo e ao condutor (figs. 25, 26, 45, 46); êmbolo filiforme. Epígino com duas pequenas aberturas de copulação (figs. 30, 50) e com um septo transversal delimitando anteriormente um processo ou uma depressão mediana na borda posterior (Figs. 29, 33, 58; BONALDO, 2000: 166).

Descrição. Redescrito por BONALDO (2000). Uma amostragem mais ampla de espécies condicionou algumas modificações e acréscimos. Comprimento total (machos e fêmeas) 7,8 – 13,35. Superfície da carapaça com granulações finas, cerdas eretas esparsas, densamente cobertas por pêlos plumosos inseridos em tubérculos (Figs. 3 - 6); Região cefálica pouco delimitada, estreitamento pouco acentuado, margem anterior reta, tubérculo interocular ausente (figs. 1, 2) ou pouco pronunciado (figs 4, 5). Quelíceras

com face frontal granulada (fig. 7); retrolateral com um série de estrias transversais paralelas conspícuas e profundas (Fig. 8, 9); retromargem do sulco subungueal com 4 dentes separados, subiguais em tamanho (Fig. 9), excepcionalmente com um quinto dente retrolateral; garra com uma série de dentículos retrobasais imbricados (Fig. 10). Enditos convergentes, promargem côncava, escavação retromarginal pouco conspícua na maioria das espécies (Figs. 11, 12); lábio pouco mais largo que longo, entalhes proximais das margens laterais conspícuos (Figs. 13, 14). Esterno com poucos pêlos de inserção simples, não-tuberculares (Fig. 14).

Pernas longas e robustas, com densa cobertura de pêlos plumosos simples, inseridos em pequenos tubérculos (Fig. 17) e cerdas eretas esparsas (fig. 21); coxa com poucos pêlos simples, inseridos em tubérculos pequenos, face retrolateral com janela retrocoxal sub-basal (Fig. 15, 16); unhas tarsais com 10 a 20 dentes curtos (Figs. 19, 20); escópulas dos tarsos I e II esparsas, tufo de pêlos subungueais densos, com pêlos curtos (Figs. 18-20).

Abdômen densamente coberto por pêlos plumosos, com muitas cerdas eretas longas (Fig. 23); epiândrium composto por uma placa semi-eliptica esclerotinizada, com poucos poros pequenos, apresentando fúsulas ao redor da placa (fig. 24).

Palpo do macho. Tíbia longa, geralmente com cerca da metade do comprimento do címbio (Figs. 37, 52, 56); muito longa, pouco menor que o comprimento do címbio em *X. candango* e *X. rheimsae* (31, 35); relativamente curta, com cerca de um terço do comprimento do címbio, em *X. brescoviti*. ATR bilobada, processo ventral (PV) apical (Figs. 31, 37, 52, 56, 62); ápice do processo direcionado prolateralmente em *X. tridentiger*, *X. smedigaari*, *X. camilae* e *X. cotijuba* (Figs. 27, 37, 52, BONALDO, 2000: 168, 169); curvo, direcionado ventralmente em *X. candango*, *X. rheimsae*, *X. pachitea* e *X. brescoviti* (Figs. 32, 36, 57, 63); lobo ventral com uma área mediana pouco

esclerotinizada (Figs. 27, 37, 52; BONALDO, 2000: figs. 164, 168); Em *X. tridentiger*, área pouco esclerotinizada destacada, formando uma projeção digitiforme (Fig. 27); lobo dorsal geralmente provido de dois processos (Figs. 32, 36, 38, 48, 63); com três processos em *X. tridentiger* (Fig. 28; BONALDO, 2000: figs. 158, 165); címbio com processo retrolateral basal geralmente pouco pronunciado; pronunciado em *X. candango* e *X. rheimsae* (Fig. 32, 36); processo cimbial basal prolateral conspícuo apenas em *X. candango* e *X. rheimsae* (Figs. 31, 35); reservatório mais espiralado em *X. smedigaari* (Bonaldo, 2000: fig. 168), *X. brescoviti* (Fig. 62), com quatro alças ventrais; três alças ventrais em *X. tridentiger* (BONALDO, 2000: fig. 164), *X. pachitea* e *X. cotijuba* (Figs. 52, 56); reservatório menos espiralado em *X. candango* e *X. camilae* (Figs. 31, 37) com duas alças ventrais; *X. rheimsae* apresenta apenas uma alça ventral; Processo Tegular de *Xeropigo* (PTX) subapical, de base pouco esclerotinizada e ápice curvado retrolateralmente, sobreposto ao êmbolo e ao condutor (Figs. 31, 35, 37, 52); PTX com processo basal em *X. tridentiger*, *X. candango* e *X. rheimsae* (Figs. 25, 31, 35; BONALDO, 2000: fig. 164); curvatura distal do PTX gradual, não projetada em *X. tridentiger* (Fig. 25, BONALDO, 2000: fig. 164); com uma projeção romba em *X. smedigaari*; curvatura distal abrupta, em *X. candango* e *X. rheimsae* (Figs. 31, 35); condutor parcialmente esclerotinizado, de base membranácea e margens apicais projetadas, formando uma calha mediana (Figs. 25, 26; 45, 46; Bonaldo, 2000: 93, 94, 159, 165, 169); êmbolo filiforme, fusionado à porção prolateral apical do tégulo (Fig. 62; BONALDO, 2000: figs. 164, 168), posicionado entre o condutor e o PTX no bulbo não-expandido (Figs. 25, 31, 35, 52).

Epígino composto por uma placa ventral esclerotinizada, sub-triangular, projetada sobre o sulco epigástrico em *X. tridentiger* (Fig. 29, BONALDO, 2000: 166), elíptica, não projetada sobre o sulco epigástrico nas demais espécies; borda posterior

delimitada medianamente por um septo transversal; em *X. tridentiger*, septo interrompido medianamente, delimitando anteriormente um processo triangular mediano esclerotinizado, projetado além do sulco epigástrico (Fig. 29); em *X. smedigaari, X candango, X. cotijuba, X. perene e X. pachitea*, septo transversal delimitando uma escavação mediana posterior (Figs. 33, 49, 54, 58; Bonaldo, 2000: fig. 170); em *X. camilae*, septo representado por um par de bolsas na parede posterior do epígino (Figs. 40, 42, 44); duas aberturas de copulação medianas (Figs. 29, 30, 33, 49, 50, 54, 60). Vulva com placa vulvar posterior (PVP) bem desenvolvida, restrita a metade posterior; geralmente mais larga que longa (Figs. 34, 59, 61); mais longa que larga, sub-quadrada em *X. camilae* (Figs. 40, 42, 44); com um par de processos laterais em *X. candango* (Fig. 34); espermatecas primárias parcialmente encobertas pela placa vulvar (Figs. 34, 40, 61; BONALDO, 2000: Figs. 167, 171), exceto em *X. pachitea*, com espermatecas primárias não encobertas pela placa vulvar (Fig.59); espermatecas secundárias geralmente globulares, esclerotinizadas; reniformes em *X. camilae* (Figs. 40, 42, 44); pouco esclerotinizadas em *X. pachitea* (Fig. 59). Ductos de copulação curtos (Figs. 34, 55, 59), Exceto em *X. camilae*, com ductos de copulação longos (Figs. 40, 42, 44).

Elenco. Nove espécies:

Xeropigo tridentiger (O. Pickard-Cambridge)

Xeropigo smedigaari (Caporiacco)

Xeropigo candango **sp. nov**.

Xeropigo rheimsae **sp. nov**.

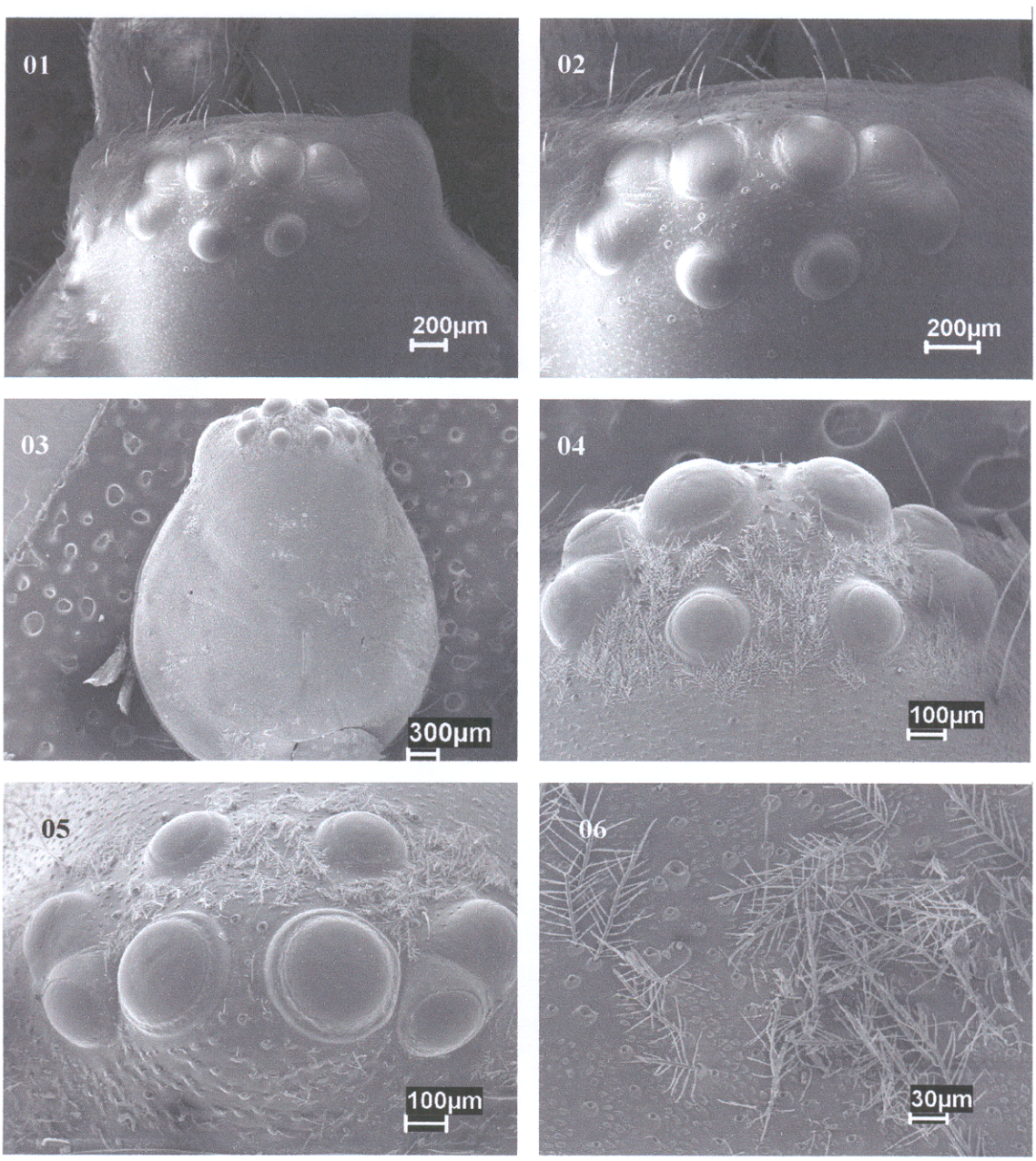
Xeropigo camilae **sp. nov**.

Xeropigo cotijuba **sp. nov.**

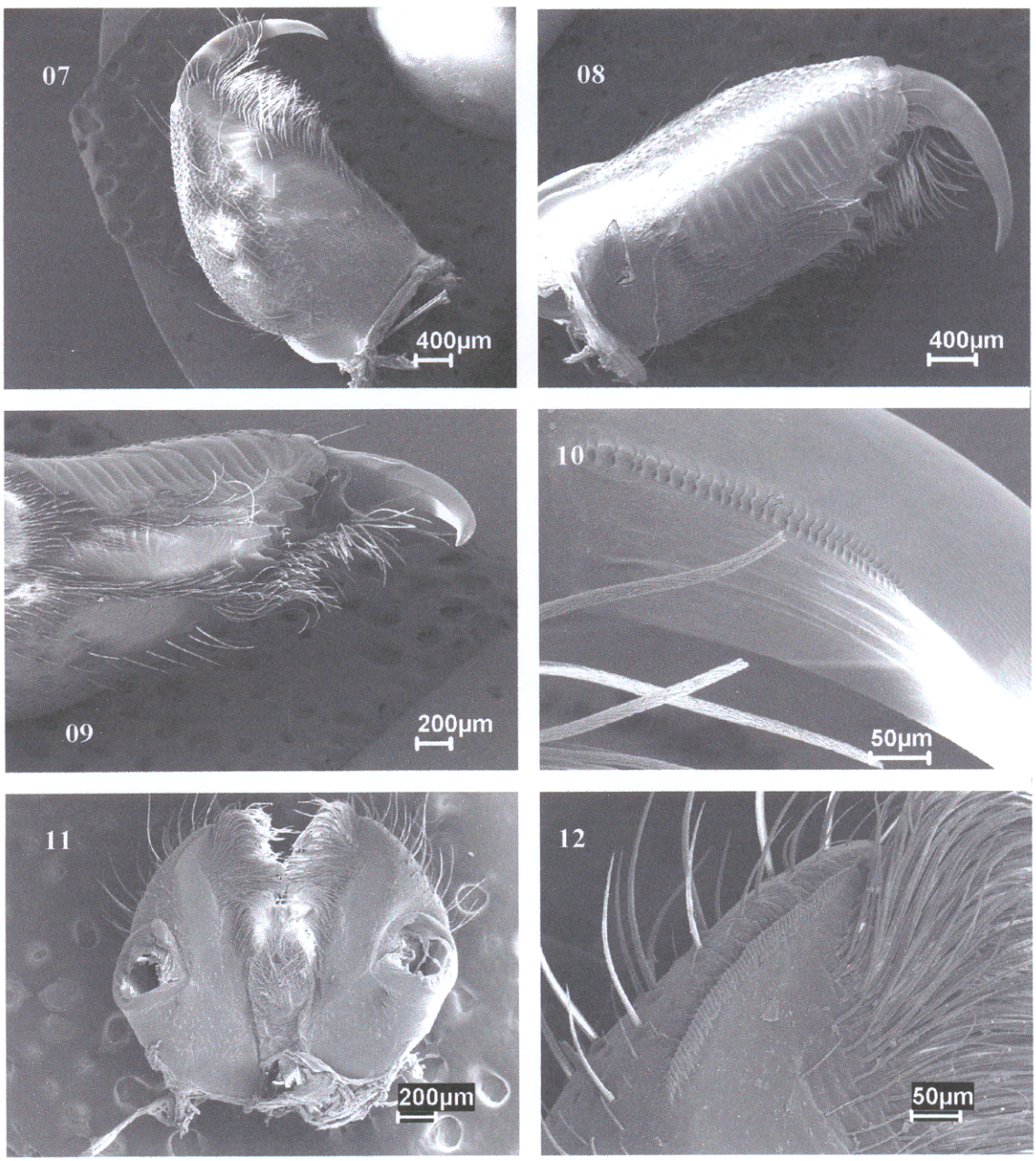
Xeropigo pachitea **sp. nov.**

Xeropigo perene **sp. nov.**

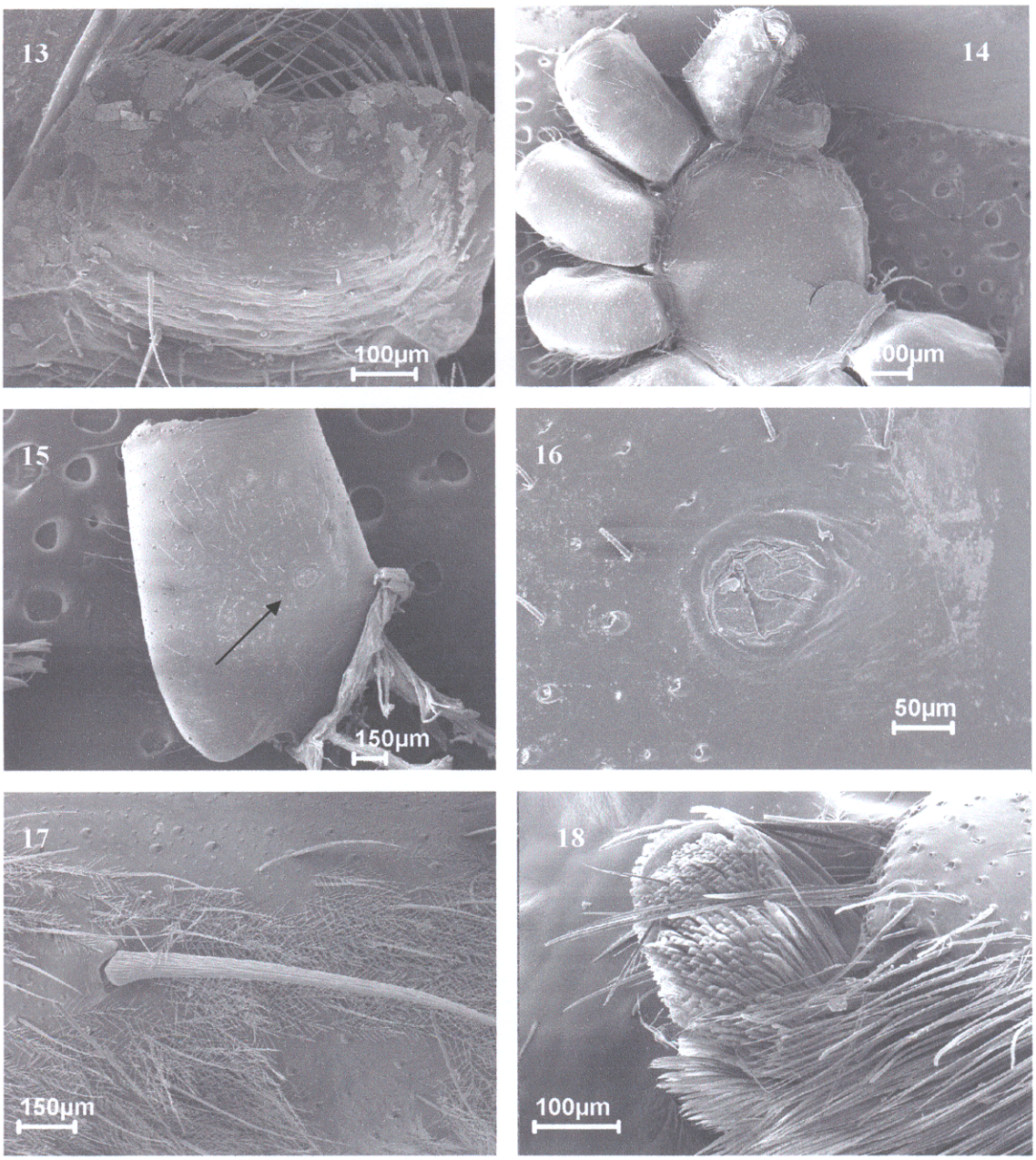
Xeropigo brescoviti **sp. nov.**



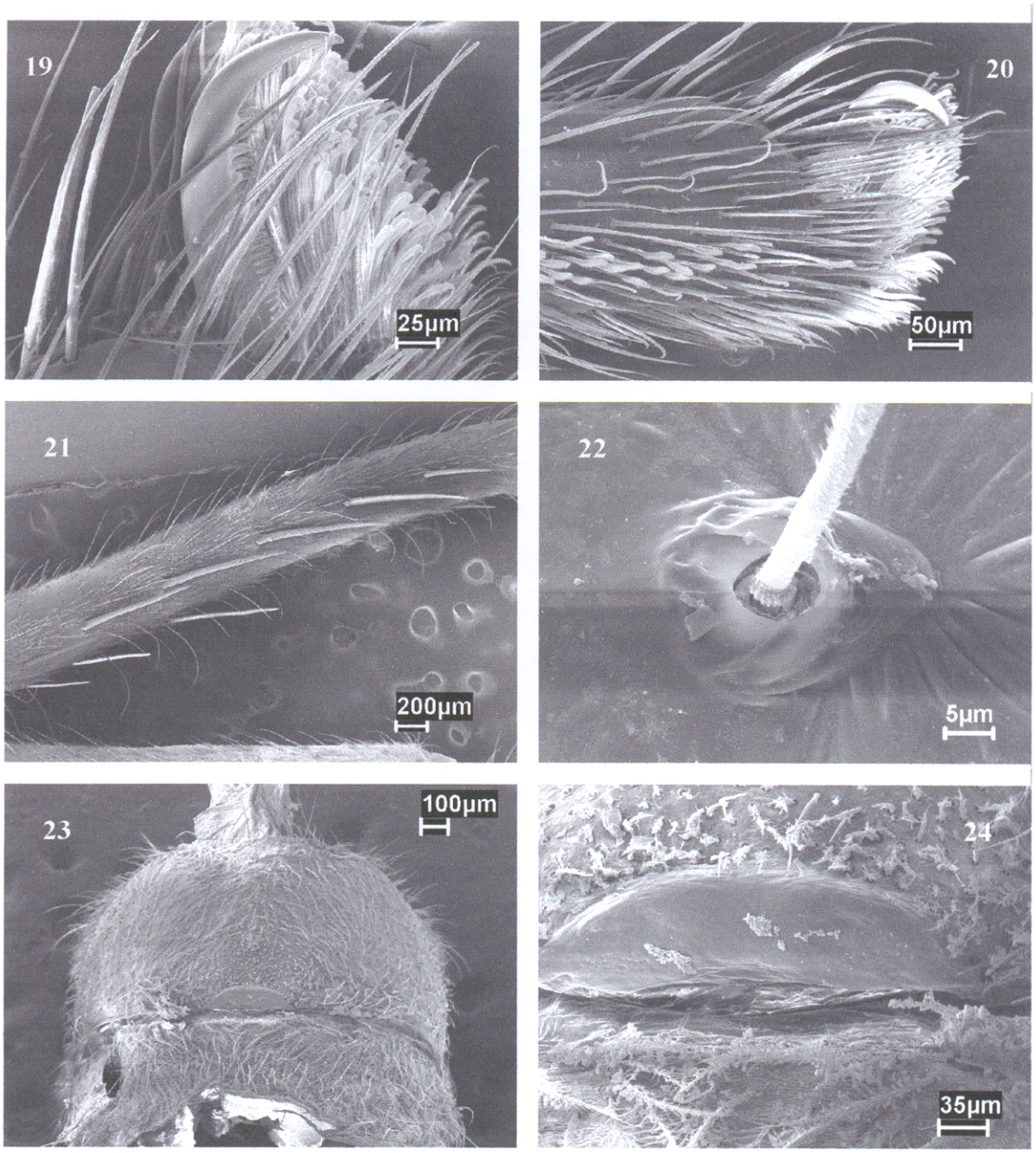
Figs. 1, 2, *Xeropigo tridentiger*: Região ocular, dorsal; 3-6 *X. cotijuba*: 3, carapaça, dorsal; 4, região ocular, dorsal; 5, região ocular, frontal; 6, carapaça, dorsal, pêlos.



Figs. 7-10, *Xeropigo tridentiger,* quelíceras: 7, prolateral; 8, retrolateral; 9, ventral; 10, garra, ventral; 11, 12, *X. cotijuba*, enditos: 11, dorsal; 12, sérrula.



Figs. 13-18, *Xeropigo tridentiger*: 13, lábio, ventral; 14, esterno, lábios e coxas, ventral; 15, coxa I, prolateral, (seta: janela retrocoxal); 16, coxa I, janela retrocoxal; 17, fêmur I, retrolateral; 18, tarso III, retrolateral, pêlos subungueais.



Figs. 19-21, *Xeropigo cotijuba*: 19-20, unhas, pêlos subungueais e escópulas; 21, fêmur I, retrolateral; 22. *X. tridentiger*, tíbia IV, dorsal, tricobotria; 23, 24 *X. cotijuba*: 23, abdômen, ventral; 24, epiandrum, ventral.

Chave para espécies de *Xeropigo*

1. Machos (os de *X. perene*, desconhecidos) 2

Fêmeas (as de *X. rheimsae* e *X. brescoviti*, desconhecidas)..... 9

2(1) Palpo do macho com processo na base do PTX (Figs. 25, 31, 35)..... 3

Palpo do macho sem processo na base do PTX (Figs. 37, 52, 56, 62)..... 5

3(2) Processo na base do PTX espiniforme (Fig. 25); lobo dorsal da ATR trífido (Fig. 28)..... *Xeropigo tridentiger*

Processo na base do PTX digitiforme (Figs. 31, 35); lobo dorsal da ATR com dois processos (Figs. 32, 36)..... 4

4(3) Processo digitiforme direcionado apicalmente (Fig. 31); lobo dorsal da ATR com processo dorsal pequeno, com ápice pouco esclerotinizado e processo ventral laminar (Fig. 32)..... *Xeropigo candango*

Processo digitiforme direcionado retrolateralmente (Fig. 35); ambos os processos do lobo dorsal da ATR grandes, alargados e esclerotinizados (Fig. 36)..... *Xeropigo rheimsae*

5(2) Reservatório do palpo do macho pouco espiralado, com duas alças ventrais; processo dorsal do lobo dorsal da ATR afilado (Fig. 37)..... *Xeropigo camilae*

Reservatório do palpo do macho muito espiralado, com três ou quatro alças ventrais (Figs. 52, 56, 62; BONALDO, 2000: 59, fig. 168)..... 6

6(5) Reservatório com três alças ventrais; curvatura da alça mediana do reservatório posicionada ventralmente (Figs. 52, 56)..... 7

Reservatório com quatro alças ventrais; curvatura da alça mediana do

reservatório posicionada prolateralmente (Figs. 62, BONALDO, 2000: 59, fig. 168).....8

7(6) Ápice do lobo ventral da ATR direcionado prolateralmente (Fig. 52); ápices de ambos os processos do lobo dorsal da ATR afilados (Figs. 47, 48, 53).....*Xeropigo cotijuba*

Ápice do lobo ventral da ATR direcionado ventralmente (Figs. 56, 57); ápices de ambos os processos do lobo dorsal da ATR rombos (Fig. 57).....*Xeropigo pachitea*

8(6) Processo ventral do lobo dorsal da ATR proeminente, de ápice agudo; primeira alça não sobreposta à porção distal do reservatório (Figs. 62, 63).....*Xeropigo brescoviti*

Processo ventral do lobo dorsal da ATR curto, de ápice rombo; primeira alça sobreposta à porção distal do reservatório (BONALDO, 2000: 59, fig. 168).....*Xeropigo smedigaari*

9(1) Epígino com ductos copulatórios longos, longitudinais e paralelos (Figs. 39, 41, 43); septo transversal da borda posterior representado por um par de bolsas na parede posterior do epígino (Figs. 40, 42, 44).....*Xeropigo camilae*

Epígino com ductos copulatórios inconspícuos, quando visíveis, curtos, transversais e opostos (Figs. 54, 58, 60); septo transversal da borda posterior delimitando um processo (Fig. 29) ou uma depressão mediana (Figs. 33, 54, 58, 60) 10

10(9) Septo transversal da borda posterior do epígino interrompido medianamente (Figs. 29, 54, BONALDO, 2000: 59, figs. 166, 170).....11

Septo transversal da borda posterior do epígino não interrompido

medianamente (Figs. 33, 58, 60).....13

11(10) Epígino com depressão mediana anterior e septo transversal da borda posterior delimitando um processo triangular (Fig. 29, BONALDO, 2000:59, fig. 166)..... *Xeropigo tridentiger*

Epígino sem depressão mediana anterior e com septo transversal delimitando uma depressão mediana na borda posterior (Figs. 54; BONALDO, 2000: 59, fig. 170).....12

12(11) Epígino com aberturas de copulação pequenas; interrupção mediana do septo transversal estreita (BONALDO, 2000: 59, fig. 170).....*Xeropigo smedigaari*

Epígino com aberturas de copulação grandes; interrupção mediana do septo transversal larga (Fig. 54)..... *Xeropigo cotijuba*

13(10) Epígino com septo transversal da borda posterior não invaginado (Fig. 33).....*Xeropigo candango*

Epígino com septo transversal da borda posterior invaginado (Figs. 58, 60)...14

14(13) Epígino com depressão mediana da borda posterior grande, trapezoidal em vista ventral (Fig. 58).....*Xeropigo pachitea*

Epígino com depressão mediana da borda posterior pequena, triangular em vista ventral (Fig. 60).....*Xeropigo perene*

Xeropigo tridentiger (O. Pickard-Cambridge)

(Figs. 1, 2, 7-10, 13-18, 22, 25-30)

Olios tridentiger O. PICKARD-CAMBRIDGE, 1869:538, pr. 13, fig. 6 (holótipo ♂, Ilha de Santa Helena, Oceano Atlântico, T. J. Melliss, Natural History Museum, London, não examinado, provavelmente perdido, segundo BONALDO, 2000).

Heteropoda tridentigera; O. PICKARD-CAMBRIDGE, 1873:211.

Xeropigo tridentiger; O. PICKARD-CAMBRIDGE, 1882:424, pr. 29, figs. 1a-f; BENOIT, 1977:64, figs. 23, 24a-c, 25a-c; PLATNICK, 1993:622; 2005; BONALDO, 2000: 56.

Hypsinotus humilis KEYSERLING, 1887:446, pr. 6, figs. 18a-c (síntipos ♂, ♀, Ilha de Saint Kitt, MCZ, não examinado). Sinonimizado com *Xeropigo tridentiger* por BONALDO (2000).

Xeropigo scutulatus SIMON, 1888:209 (síntipos ♂, ♀ Ilha de Guadalupe, The Natural History Museum, London, provavelmente perdidos, segundo BONALDO, 2000). Sinonimizado com *Xeropigo tridentiger* por BONALDO (2000).

Hypsinotus flavipes KEYSERLING, 1891:54, pr. 2, fig. 27 (holótipo ♂, Espírito Santo, Brasil, Natural History Museum, London, 1890.7.1/1252, não-examinado). Sinonimizado com *Xeropigo tridentiger* por BONALDO (2000).

Corinna tomentosa SIMON, 1897b:886 (síntipos ♂, 6 j, Natural History Museum, London, 1894.9.18/124-129; ♀, Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris, 18976, Ilha de Saint Vincent, não-examinados); PETRUNKEVITCH, 1911:470;

ROEWER, 1954b: 600; BONNET, 1956:1217. Sinonimizado com *Xeropigo tridentiger* por BONALDO (2000).

Corinna tridentiger; SIMON, 1898:196 **(lapsus)**.

Corinna humilis; SIMON, 1898:197; PETRUNKEVITCH, 1911:466; 1930:95, figs. 78, 79; ROEWER, 1954:597; BONNET, 1956:1212.

Corinna scutulata; SIMON, 1898:199; PETRUNKEVITCH, 1911:469; ROEWER, 1954:600; BONNET, 1956:1216.

Corinna flavipes; PETRUNKEVITCH, 1911:466; MELLO-LEITÃO, 1923: 53; ROEWER, 1954:596; BONNET, 1956:1211.

Corinna tridentina MELLO-LEITÃO, 1937:315, fig. 5 (holótipo ♀, Araguarí, Minas Gerais, Brasil, IBSP 292, não-examinado); ROEWER, 1954: 600; BONNET, 1956:1217. Sinonimizado com *Xeropigo tridentiger* por BONALDO, 2000.

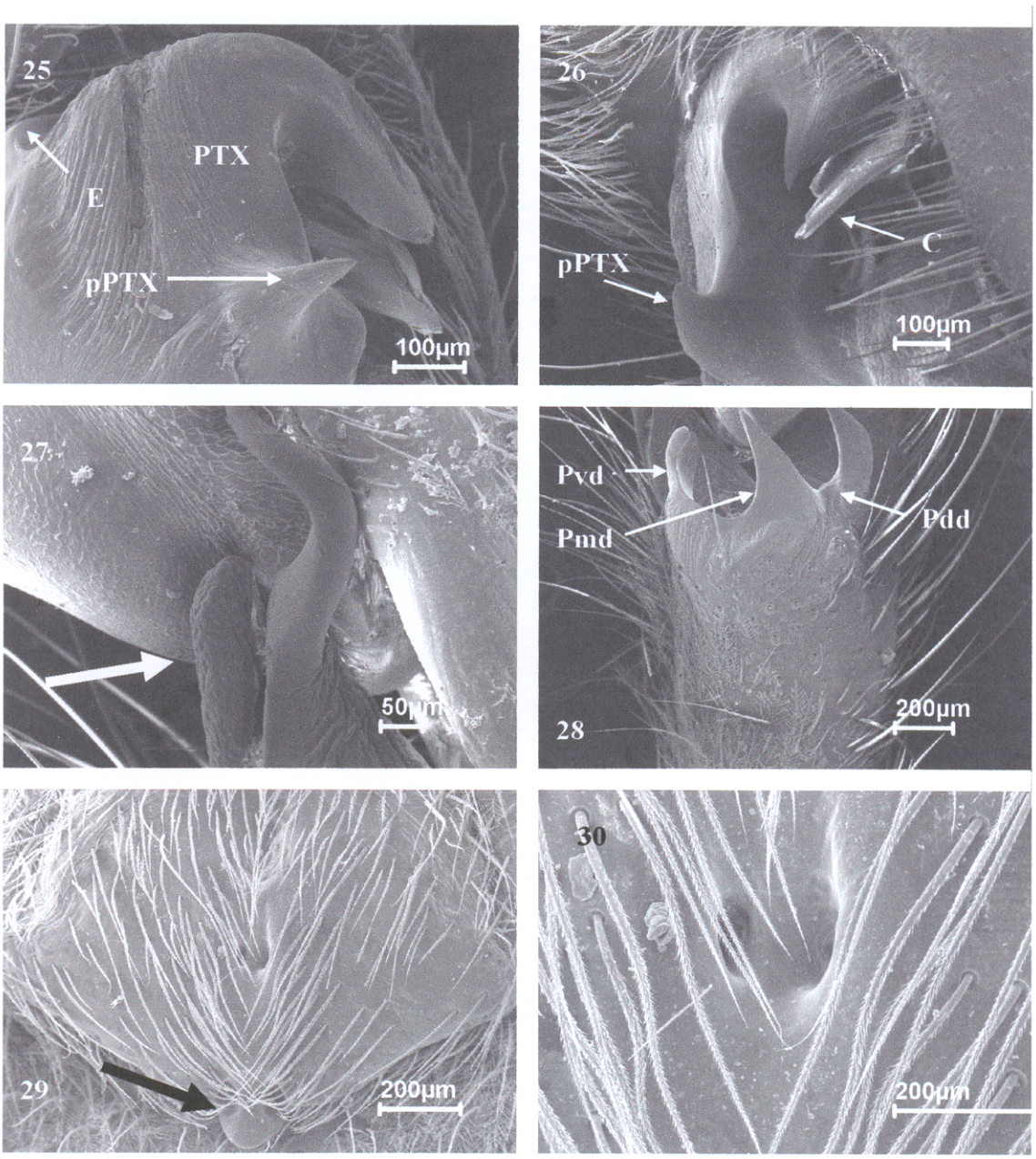
Corinna tridentigera; ROEWER, 1954: 593; BONNET, 1956: 1217.

Diagnose. Machos de *Xeropigo tridentiger* diferem dos demais pelo lobo dorsal da ATR trífido; PTX com uma projeção espiniforme na base (figs. 25, 26, 27; BONALDO, 2000: 59. Figs. 164, 165). Fêmeas diferem pelo epígino com uma depressão mediana anterior e septo transversal interrompido, delimitando um processo triangular (fig. 29; BONALDO, 2000: 59. Fig. 166).

Descrição (BONALDO, 2000, p. 56-59).

Distribuição. Ilha de Santa Helena; Flórida, América Central; noroeste da América do Sul; nordeste, centro-oeste, sudeste e sul do Brasil.

Registros novos. BRASIL. **Pernambuco**. Olinda, 1♂, 20.V.1999, I. Marques col. (IBSP 39591); Recife, 1♂, VI.1996, I. Marques col. (IBSP 39597); (Cordeiro), 1♀, 29.VI.1999, C. Cazal col. (IBSP 39601); Jaboatão dos Guararapes, 1♂, 12.III.1999, F. Beltrão col. (IBSP 39599); 1♀, IV, 2000, J. Otoniel col. (IBSP 39600). **Alagoas.** Maceió (Barro Duro), 1♂, 1♀, I.2003, N. F. Loman-hung col. (IBSP 36637); (Kennel Club), 1♂, 07.VI.2000, R. Junior col. (IBSP 27383); **Tocantins**. Dianópolis, 1♂, 25.IX.2003, F. S. P. Godoi col. (UNB 2676); **Bahia**. Feira de Santana (Serra de São João, Distrito de Maria Quitéria), 1♂, 15.X.1989 (UEFS A-003); São Gonçalo dos Campos, 1♀, 03.V.1990 (UEFS A-134); Arquipélogo de Abrolhos (Ilha Santa Bárbara), 1♂, 03.X.1995, G. F. Dutra col. (MPEG); 1♂, 01.VIII.1994, G. F. Dutra col. (IBSP 26868); 1♀, 12.IV.1997, G. F. Dutra col. (IBSP 36229); Caravelas, 1♀, 03.X.1993, G. F. Dutra col. (MPEG); **São Paulo**. Promissão (Usina Hidrelétrica de Promissão), 1♂, VI-VII.2001 (IBSP 28435); Santos, 1♂, VII.2000, S. A. Rêgo col. (IBSP 27364); (Estância Balneário de Santos), 1♂, 31.X.2001, Prefeitura de Santos col. (IBSP 31971).



Figs. 25-30 *Xeropigo tridentiger*, palpo do macho e epígino: 25, ápice do bulbo, ventral; 26, ápice do bulbo, retrolateral; 27, lobo ventral da ATR, retrolateral (seta: área pouco esclerotinizada do lobo ventral); 28, lobo dorsal da ATR, retrolateral; 29, epígino ventral (seta: borda do septo tranversal posterior); 30, epígino, aberturas copulatórias. Abreviaturas: **C**: Condutor; **E**: êmbolo; **PTX**: Processo tegular de *Xeropigo*; **pPTX**: Processo basal do **PTX**; **Pvd**: Processo ventral do lobo dorsal da ATR; **Pmd**: Processo médio do lobo dorsal da ATR; **Pdd**: Processo dorsal do lobo dorsal da ATR.

Xeropigo smedigaari (Caporiacco)

Corinna smedigari CAPORIACCO, 1955:377, fig. 16 (holótipo ♀, Museo de Biologia, Universidad Central de Venezuela, Caracas, XII-816, 30.X.1948, Marcuzzi, não re-examinado); BRIGNOLI, 1983:556.

Xeropigo smedigari; BONALDO, 2000: 58-60; PLATNICK, 2005

Diagnose. Machos de *Xeropigo smedigari* diferem dos demais, exceto *X. brescoviti*, pelo reservatório com quatro voltas proximais (BONALDO, 2000: 59. Fig. 168); diferem dos machos de *X. brescoviti* pelo processo ventral do lobo dorsal da ATR curto, de ápice rombo, primeira alça do reservatório sobreposta a sua porção distal (BONALDO, 2000: 59. Fig. 168). Fêmeas diferem das demais, exceto *X. tridentiger* e *X. cotijuba*, pelo septo transversal da borda posterior do epígino com interrupção mediana (BONALDO, 2000: 59. Fig. 170); diferem das fêmeas de *X. tridentigere X. cotijuba* pelo epígino apresentando aberturas de copulação muito pequenas; interrupção mediana do septo transversal estreita (BONALDO, 2000: 59. Fig. 170).

Descrição (BONALDO, 2000: 58-60).

Distribuição. Norte da Venezuela e Trinidad.

Xeropigo candango, espécie nova

(Figs. 31-34, 64)

Holótipo ♂, Condomínio Entrelagos, Paranoá, Brasília, Distrito Federal, Brasil, 06.VI.2002, Humberto Col. (UNB 1693).

Etimologia. O nome específico é alusivo à denominação dada aos operários que trabalharam na construção da cidade de Brasília, a localidade-tipo.

Diagnose. Machos de *Xeropigo candango* diferem dos demais, exceto *X. rheimsae*, pela curvatura distal do PTX em ângulo reto; base do PTX com grande processo digitiforme; tíbia longa; diferem dos machos de *X. rheimsae* pelo processo digitiforme direcionado apicalmente (Fig. 31); lobo dorsal da ATR com o processo ventral laminar e o processo dorsal curto, com ápice pouco esclerotinizado (Fig. 32). Fêmeas diferem das demais, exceto *X. pachitea* e *X. perene*, pela não-interrupção do septo transversal da borda posterior do epígino (Fig. 33); diferem das fêmeas de *X. pachitea* e *X. perene* pela não invaginação borda posterior do septo tranversal do epígino (Fig. 33).

Descrição. Macho (Holótipo). Carapaça castanho-avermelhada, quelíceras, enditos e lábios castanho-avermelhado escuros, pernas amarelas, esterno alaranjado, dorso do abdômen cinza-escuro com uma faixa mediana longitudinal amarelo-clara provida na região posterior, de ramificações laterais direcionadas posteriormente; ventre do abdômen amarelo-claro.

Comprimento total 9,1. Carapaça: comprimento 4,6, largura 4,45; Olhos. Diâmetros: OMA 0,4. OLA 0,2 OMP 0,3 OLP 0,3; interdistâncias: OMA-OMA Sub-contíguos, OMA-OLA Sub-contíguos, OMP-OMP 1,5, OMP-OLP 1,5 OMP, OLA-OLP Sub-contíguos OMP-OMA 1 OMP. Quelíceras: retromargem com 4 dentes subiguais separados; promargem com 3 dentes contíguos, segundo dente maior. Pernas. Comprimento fêmur – I- 5,2 / II- 4,8 / III- 4,6 / IV- 5,8. Espinulação: I - fêmur d 1-1-0, p 0-1-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 1p-2-2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. II - fêmur d 1-1-0, p 0-1-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 1r-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. III - fêmur d 1-1-1, p 1-1-1, r 1-1-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1, v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1r. IV- fêmur d 1-1-1, p 0-1-1, r 0-1-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1, v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1r.

Palpo do macho. Tíbia muito longa, pouco menor que o comprimento do címbio; lobo ventral da ATR de ápice direcionado ventralmente com área mediana pouco esclerotinizada, formando uma projeção laminar; lobo dorsal da ATR com dois processos; processo ventral laminar; processo dorsal pequeno, com ápice pouco esclerotinizado (Figs. 31, 32). Címbio com processo retrolateral basal pronunciado; processo cimbial basal prolateral conspícuo (Figs. 31, 32). Reservatório pouco espiralado, com duas de alças ventrais, apresentando uma curvatura distal não homóloga a terceira alça (Fig 31). PTX com processo basal digitiforme, direcionado apicalmente; curvatura distal do PTX abrupta, não projetada; condutor de ápice gradualmente afilado (Fig. 31).

Fêmea (Parátipo, UNB 1920). Coloração como no macho.

Comprimento total 10,03. Carapaça: comprimento 4,6, largura 3,85. Olhos. Diâmetros: OMA 0,41, OLA 0,35, OMP 0,3, OLP 0,35; interdistâncias: OMA-OMA

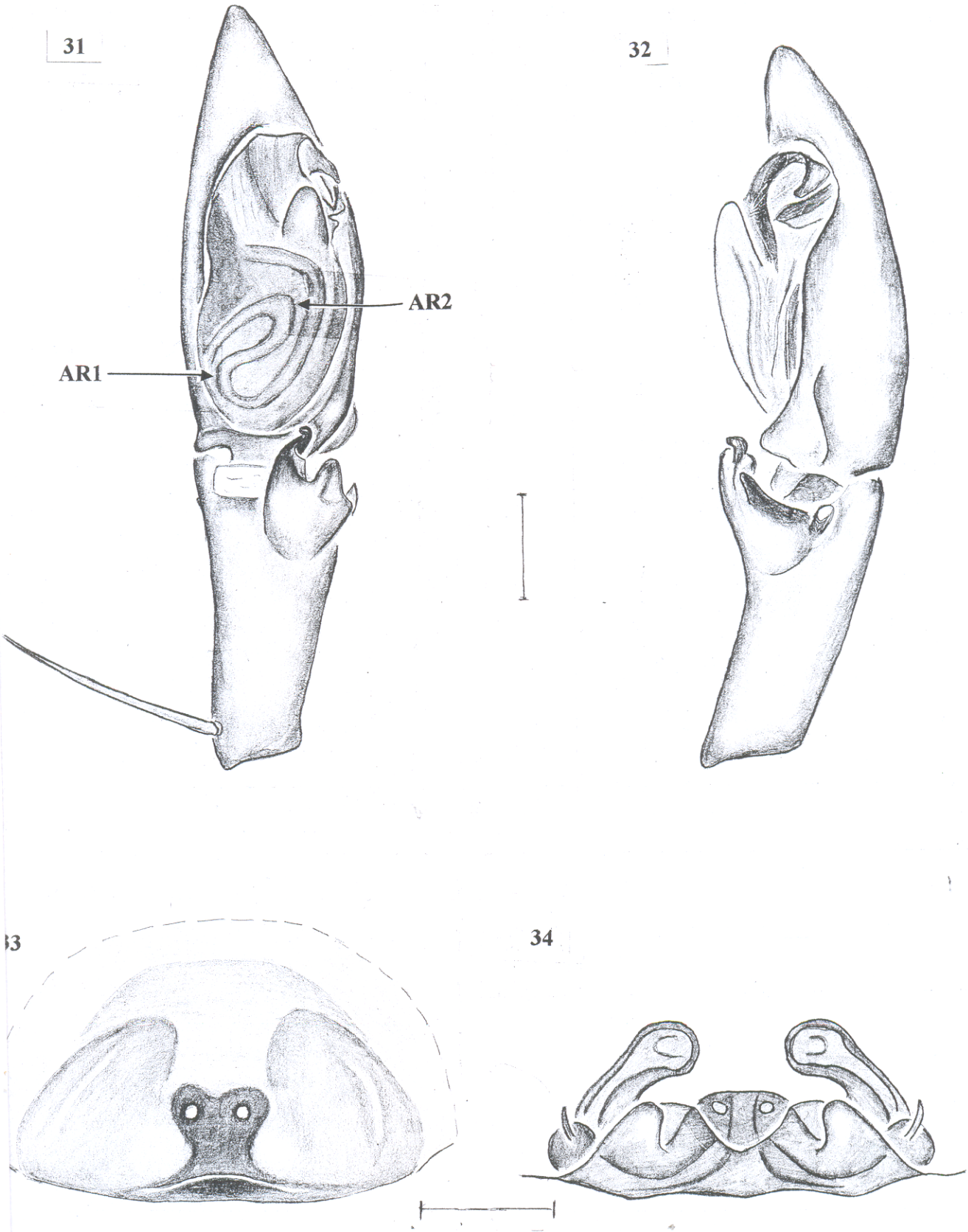
sub-contíguos, OMA-OLA sub-contíguos, OMP-OMP 1, OMP-OLP 1 OMP, OLA-OLP sub-contíguos, OMP-OMA 1 OMP. Quelíceras como no macho. Pernas. Comprimento do fêmur – I- 4,6 / II- 4,3 / III- 4 / IV- 5. Espinulação: I - fêmur d 1-1-0, p 0-1-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 1p-2-2-2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. II - fêmur d 1-1-0, p 0-1-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 2-2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. III - fêmur d 1-1-1 p 1-1-1, r 1-1-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1, v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1p. IV - fêmur d 1-1-1, p 0-1-1, r 1-0-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1 r 0-1-1 v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1.

Epígino: placa ventral elíptica, não projetada sobre o sulco epigástrico; septo transversal não interrompido, delimitando uma escavação mediana posterior, não invaginada (Fig. 33). Vulva com PVP mais larga que longa, apresentando um par de processos laterais (Fig. 34); espermatecas secundárias globulares, esclerotinizadas; espermatecas primárias parcialmente encobertas pela PVP (Figs. 34). Ductos de copulação curtos, transversais e opostos (Fig. 34).

Variação. Comprimento: (3♂) total 8,3-9,1, carapaça 4-4,6, fêmur I 4,4-5,2.

Distribuição. Centro-oeste do Brasil (Fig. 64).

Material examinado. Parátipos. BRASIL. **Brasilia, Distrito Federal**, Asa Norte, 1♂, 05.VI.2002, P. C. Motta (UNB 1920); **Goiás**, Cavalcante, 1♂, 27.VII.2002, F. H. Santana (UNB 1731).



Figs. 31-34, *Xeropigo candango*, palpo do macho e epígino: 31, palpo, ventral; 32, palpo, retrolateral; 33, epígino, ventral; 34, epígino, dorsal. Abreviaturas: AR1, 1ª alça ventral do reservatório; AR2, 2ª alça ventral do reservatório. Figs. 31, 32 e 33, 34, (barra 0,5 mm), respectivamente na mesma escala.

***Xeropigo rheimsae*, espécie nova**

(Figs. 35, 36, 64)

Holótipo ♂, São Domingos, Goiás, Brasil, 03-11.IX.2001, C. A. Rheims & F. Pelegatti (IBSP 27984).

Etimologia. O nome específico é um patronímico em homenagem à aracnóloga Cristina Anne Rheims, uma das coletoras do holótipo.

Diagnose. Machos de *Xeropigo rheimsae* diferem dos demais, exceto *X. candango*, pelo grande processo digitiforme na base do PTX; tíbia longa (Fig. 35); diferem de machos de *X. candango* pelo processo digitiforme do PTX direcionado retrolateralmente (Fig. 35); processos ventral e dorsal do lobo dorsal da ATR grandes, alargados e esclerotinozados (Fig. 36).

Descrição. Macho (Holótipo). Carapaça, enditos e lábio castanho-avermelhados, quelíceras castanho-avermelhadas escuras, esterno alaranjado, pernas amarelas. Dorso do abdômen cinza-escuro, com uma faixa mediana longitudinal amarelo-clara provida, na região posterior, de ramificações laterais direcionadas posteriormente; ventre do abdômen amarelo-claro.

Comprimento total 9,3. Carapaça: comprimento 4,65. largura 4,0; Olhos diâmetros: OMA 0,4, OLA 0,3, OMP 0,3, OLP 0,3; interdistâncias: OMA-OMA Sub-contíguos, OMA-OLA Sub-contíguos, OMP-OMP 1,5, OMP-OLP 1,5 OMP, OLA-OLP Sub-contíguos, OMP-OMA 1,5 OMP. Quelíceras: retromargem com 4 dentes subiguais separados; promargem com 3 dentes contíguos, segundo dente maior.

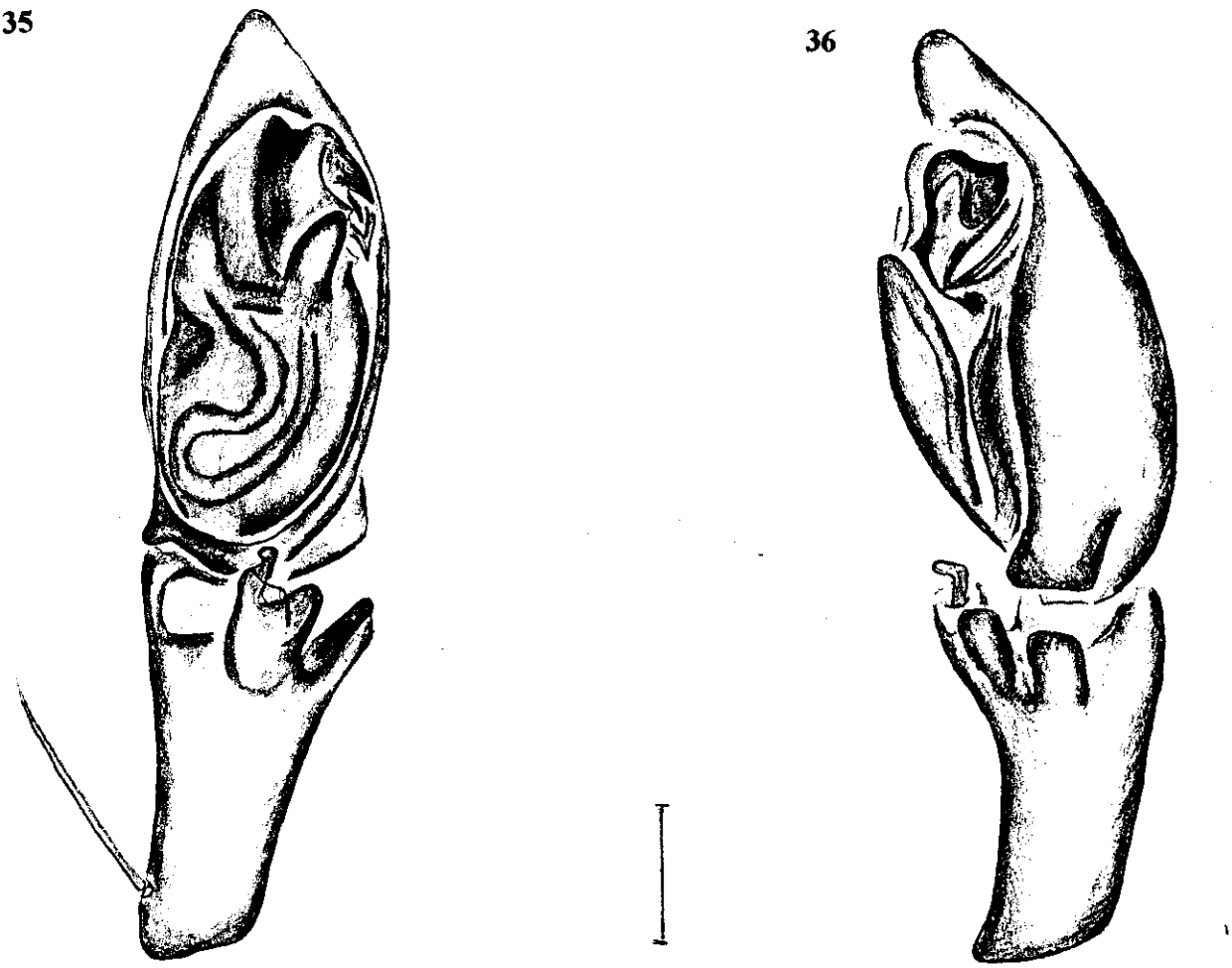
Comprimento do fêmur – I- 4,8 / II- 4,6 / III- 4,2 / IV- 5,45. Espinulação: I - fêmur d 1-1-0, p 0-1-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 2-2-2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. II - fêmur d 1-1-0, p 0-1-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. III - fêmur d 1-1-1, p 1-1-1, r 1-1-1, v 0; tíbia d 0, p 1-1-0, r 1-1-0, v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1. IV - fêmur d 1-1-1, p 1-1-1, r 1-0-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1, v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1.

Palpo do macho. Tíbia muito longa, pouco menor que o comprimento do címbio; lobo ventral da ATR de ápice direcionado ventralmente, área mediana pouca esclerotinizada, formando uma projeção laminar; lobo dorsal da ATR com dois processos, grandes, alargados e esclerotinizados (Figs. 35, 36). Címbio com processo retrolateral basal bastante pronunciado; processo cimbial basal prolateral conspícuo (Figs. 35, 36). Reservatório pouco espiralado, com duas alças ventrais (Fig. 35). PTX com processo basal digitiforme, direcionado retrolateralmente; curvatura distal do PTX abrupta, não projetada; condutor de ápice gradualmente afilado (Fig. 35).

Fêmea (Desconhecida)

Distribuição geográfica. Goiás (Fig. 64).

Material examinado. Somente o holótipo



Figs. 35, 36, *Xeropigo rheimsae*, palpo do macho: 35, ventral; 36, retrolateral. Figs. 35, 36 (barra 0,5 mm).

Xeropigo camilae, espécie nova

(Figs. 37-44, 64)

Holótipo ♂, Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, Brasil, 28.VII.1992, A. A. Lise & A. Braul Jr. (MCTP 2594).

Etimologia. O nome específico é uma homenagem à minha filha Camila Souza.

Diagnose. Machos de *Xeropigo camilae* diferem dos machos de *X. tridentiger*, *X. candango* e de *X.rheimsae* pela ausência de um processo basal no PTX (Fig. 37). Difere dos demais pelo reservatório pouco espiralado, com duas voltas proximais (Fig. 37); fêmeas diferem das demais pelo epígino com ductos copulatórios longos, longitudinais e paralelos (Figs. 39, 41, 43); septo transversal da borda posterior representado por um par de bolsas laterais na parede posterior do epígino (40, 42, 44).

Descrição. Macho (Holótipo). Carapaça, enditos e lábio castanho-avermelhados. Quelíceras castanho-avermelhada escuras, esterno alaranjado, pernas amarelas. Dorso do abdômen cinza-escuro com uma faixa mediana longitudinal amarelo-clara provida na região posterior, de ramificações laterais direcionadas posteriormente; ventre do abdômen amarelo-claro.

Comprimento total 10,8. Carapaça: comprimento 5,2 largura 4,6; Olhos diâmetros: OMA 0,42, OLA 0,4, OMP 0,35, OLP 0,4; interdistâncias: OMA-OMA Sub-contíguos, OMA-OLA Sub-contíguos, OMP-OMP 1,5, OMP-OLP 1,5 OMP, OLA-OLP Sub-contíguos, OMP-OMA 1 OMP. Quelíceras: retromargem com 4 dentes subiguais separados; promargem com 3 dentes contíguos, segundo dente maior. Pernas.

Comprimento do fêmur – I- 5,2 / II- 5,1 / III- 4,8 / IV- 5,8. Espinulação: I - fêmur d 1-1-0, p 0-0-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 1p-2-2-2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. II - fêmur d 1-1-0, p 1-1-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 2-2-2-2-1p (2-2-2-2); metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. III - fêmur d 1-1-0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1, v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1r. IV - fêmur d 1-1-1, p 0-1-1, r 1-0-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1, v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1r.

Palpo do macho. Tíbia relativamente longa, com cerca da metade do tamanho do címbio; lobo ventral da ATR de ápice direcionado prolateralmente, com área mediana pouco esclerotinizada não projetada; lobo dorsal da ATR com dois processos; processo ventral proeminente; processo dorsal de ápice agudo, esclerotinizado (Figs. 37, 38). Címbio com processo retrolateral basal pouco pronunciado; processo cimbial basal prolateral ausente (Figs. 37, 38). Reservatório pouco espiralado, com duas alças ventrais (Fig 37). PTX sem processo basal; curvatura distal do PTX gradual, com uma projeção romba (Fig. 37); condutor de ápice gradualmente afilado e curvo (Fig. 37).

Fêmea (Parátipo, MCTP 2435). Coloração como no macho.

Comprimento total 9,5. Carapaça: comprimento 4,65, largura 4,0. Olhos diâmetros: OMA 0,4, OLA 0,35, OMP 0,3, OLP 0,3; interdistâncias: OMA-OMA sub-contíguos, OMA-OLA sub-contíguos, OMP-OMP 1,5, OMP-OLP 2 OMP, OLA-OLP sub-contíguos, OMP-OMA 1,5 OMP. Quelíceras como no macho. Pernas. Comprimento do Fêmur – I- 4,8/ II- 4,4/ III- 4,1/ IV- 5,1. Espinulação: I - fêmur d 1-1-0 p 0-1-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 2-2-2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. II - fêmur d 1-1-1 p 1-1-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. III - fêmur d1-1-1 p 1-1-1, r 1-1-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1, v 2-2-2; metatarso d

0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1r. IV - fêmur d 1-2-1, p 0-1-1, r 0-0-1, v 0; tíbia d 0, p0-1-1 r0-1-1 v 2-1p-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1r.

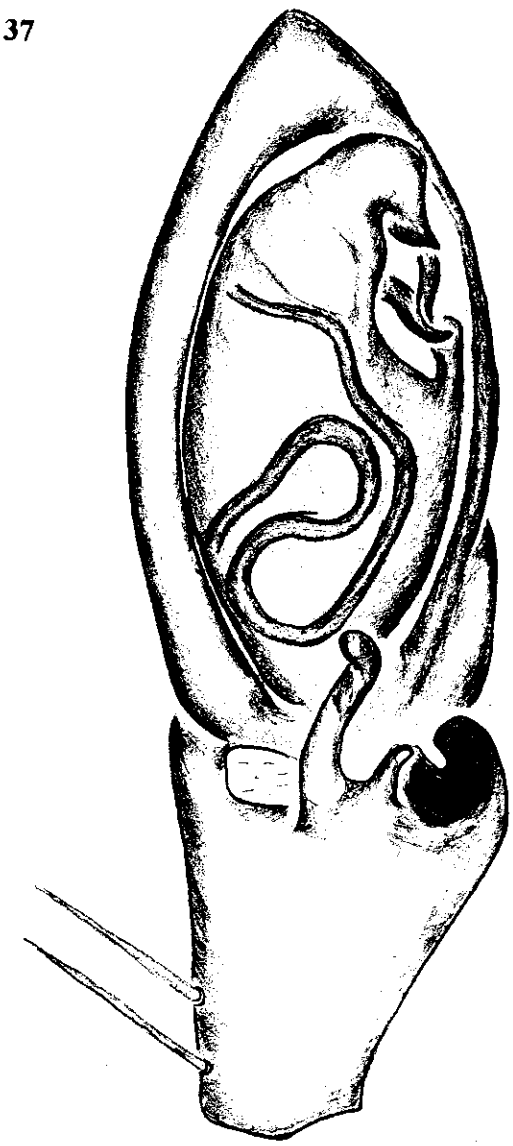
Epígino: placa ventral elíptica, não projetada sobre o sulco epigástrico; septo transversal não interrompido, representado por um par de bolsas na parede posterior do epígino (Figs. 39, 40). PVP mais longa que larga, sub-quadrada (Fig. 40). Espermatecas secundárias reniformes, esclerotinizadas; espermatecas primárias parcialmente encobertas pela PVP (Fig. 40). Ductos de copulação longos, longitudinais e paralelos (Fig. 39, 40).

Variação. Comprimento: (7 ♀) total 9,4 -11,8. Carapaça 4,1– 4,9. Fêmur I 4 - 5. A orientação das escavações varia nos espécimes examinados; fêmeas do Pantanal apresentam escavações orientadas apicalmente (Fig. 39); fêmeas de Alter do Chão apresentam escavações com orientação mediana, opostas (Fig. 41); fêmeas de Brasília não apresentam escavações laterais (Fig. 43). Os ductos de copulação variam em tamanho e trajetória. O formato da PVP varia de sub-quadrangular (Figs. 40, 42) a sub-pentagonal (Fig. 44), apresentando extenções laterais posteriores nas fêmeas de Alter do Chão e Brasília (Figs. 42, 44).

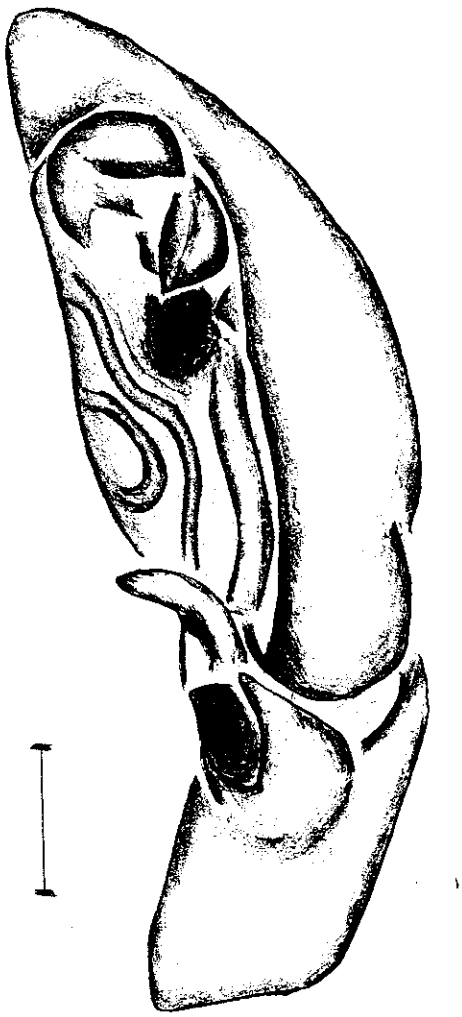
Distribuição geográfica. Norte e Centro-oeste do Brasil (Fig. 64).

Material examinado. Parátipos. BRASIL. **Pará**, Alter do Chão, Santarém, 1♀, 26.I.1994, A. D. Brescovit (MCN 25054). **Brasília, Distrito Federal** (Sobradinho), 1♀, 25.IX.1999, P. C. Motta col (UNB 803). **Mato Grosso**, Cuiabá, 1♀, 25.V.1988, K. Kitayama (UNB 203); Poconé, 1♀, 03.VIII.1992, A. A. Lise & A. Braul Jr. (MCTP 2435). **Goiás**, Parque Nacional das Emas 3♀, IX-X.1981, K. H. Redford (MCZ).

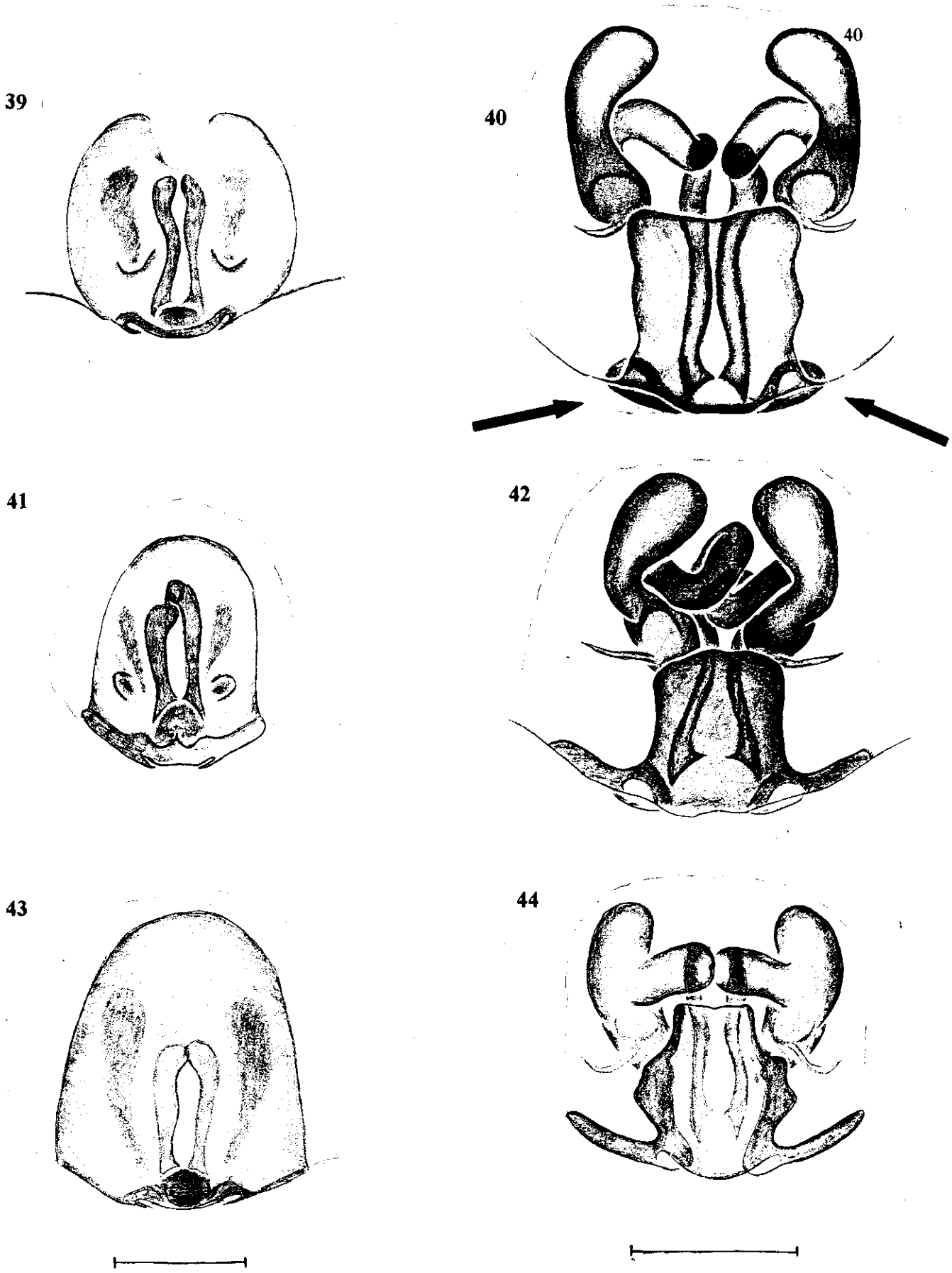
37



38



Figs. 37, 38, *Xeropigo camilae*, palpo do macho: 37, ventral; 38, retrolateral. Figs. 37, 38 (barra 0,5 mm).



Figs. 39-44, *Xeropigo camilae*, epígino: 39, 40, Poconé, Pantanal, MT: 39, ventral; 40, dorsal (setas: par de bolsas na parede posterior do epígino); 41, 42, Alter do Chão, Santarém, PA: 41, ventral; 42, dorsal; 43, 44, Brasília, DF: 43, ventral; 44, dorsal. Figs. 39, 41, 43 (barra 0,5 mm); 40, 42, 44 (barra 0,4 mm), respectivamente na mesma escala.

Xeropigo cotijuba, espécie nova

(Figs. 3-6, 11, 12, 19-21, 23, 24, 45-55, 64)

Holótipo ♀, Ilha de Cotijuba, Belém, Pará, Brasil, 07-08.XI.2004, A. B. Bonaldo col. (MPEG 1676).

Etimologia. O nome específico é um substantivo referente a localidade-tipo.

Diagnose. Machos de *Xeropigo cotijuba* diferem dos machos de *X.* tridentiger, *X. candango* e *X. rheimsae* pela ausência de um processo na base do PTX (Figs. 45, 52); diferem dos machos de *X. camilae* e *X. smedigaari* pelo reservatório apresentando três alças ventrais (Fig. 52); diferem dos machos de *X. pachitea* pelo ápice do lobo ventral da ATR direcionado prolateralmente (Fig. 52); ápices de ambos os processos do lobo dorsal afilados (Figs. 47, 48, 53). Fêmeas diferem das demais, exceto de *X. smedigaari*, *X. tridentiger*, pela interrupção mediana na borda posterior do epígino (Figs. 49, 50, 54); diferem das fêmeas de *X. tridentiger* pela ausência de uma depressão na margem anterior do epígino (Figs. 49, 50, 54)e *X. smedigaari* pelo epígino com aberturas de copulação grandes (Figs. 49, 50, 54); interrupção do seto tranversal larga (Figs. 49, 54).

Descrição. Macho (Parátipo, INPA). Carapaça, enditos e lábio castanho-avermelhados, quelíceras castanho-avermelhadas escuras, esterno alaranjado. Pernas amarelas. Dorso do abdômen cinza-escuro com uma faixa mediana longitudinal amarelo-clara provida, a região posterior, de ramificações laterais direcionadas posteriormente; ventre do abdômen amarelo-claro.

Comprimento total 8,85. Carapaça: comprimento 4,2, largura 3,5; Olhos diâmetros: OMA 0,42 OLA 0,35 OMP 0,3 OLP 0,3; interdistâncias: OMA-OMA Sub-contíguos, OMA-OLA Sub-contíguos, OMP-OMP 1,5, OMP-OLP 1,5 OMP, OLA-OLP Sub-contíguos OMP-OMA 1 OMP. Quelíceras: retromargem com 4 dentes subiguais separados; promargem com 3 dentes contíguos, segundo dente maior. Pernas. Comprimento fêmur – I- 4,4/ II- 4,1/ III- 4/ IV- 4,7. Espinulação: I - fêmur d 1-1-0, p 0-0-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 1p-2-2-2-2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. II - fêmur d 1-1-0, p 0-1-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 2-2-2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. III - fêmur d 1-1-1, p 1-1-1, r 1-1-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1, v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1p. IV - fêmur d 1-1-1, p 0-1-1, r 1-0-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1, v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1p.

Palpo do macho. Tíbia relativamente longa, com cerca da metade do tamanho do címbio; lobo ventral da ATR de ápice direcionado prolateralmente, com área mediana pouca esclerotinizada não projetado; lobo dorsal da ATR com dois processos; processo ventral proeminente; processo dorsal de ápice afilado, esclerotinizado (Figs. 52, 53). Címbio com processo retrolateral basal pouco pronunciado; processo cimbial basal prolateral inconspícuo (Figs. 52, 53). Reservatório muito espiralado, com três alças ventrais (Fig 52). PTX sem processo basal; curvatura distal do PTX gradual, com uma projeção romba (Fig. 52); condutor de ápice gradualmente afilado (Fig. 52).

Fêmea (holótipo). Coloração como no macho.

Comprimento total 9,7. Carapaça: comprimento 4,6, largura 3,75. Olhos diâmetros: OMA 0,41, OLA 0,4, OMP 0,35, OLP 0,35; interdistancias: OMA-OMA sub-contíguos, OMA-OLA sub-contíguos, OMP-OMP 1,5, OMP-OLP 2 OMP, OLA-OLP sub-contíguos, OMP-OMA 1 OMP. Quelíceras como no macho. Comprimento do Fêmur – I- 4,4/ II- 4,2/ III- 4/ IV- 4,65. Espinulação: I- fêmur d 0-1-1, p 0-0-1, r 0, v 0;

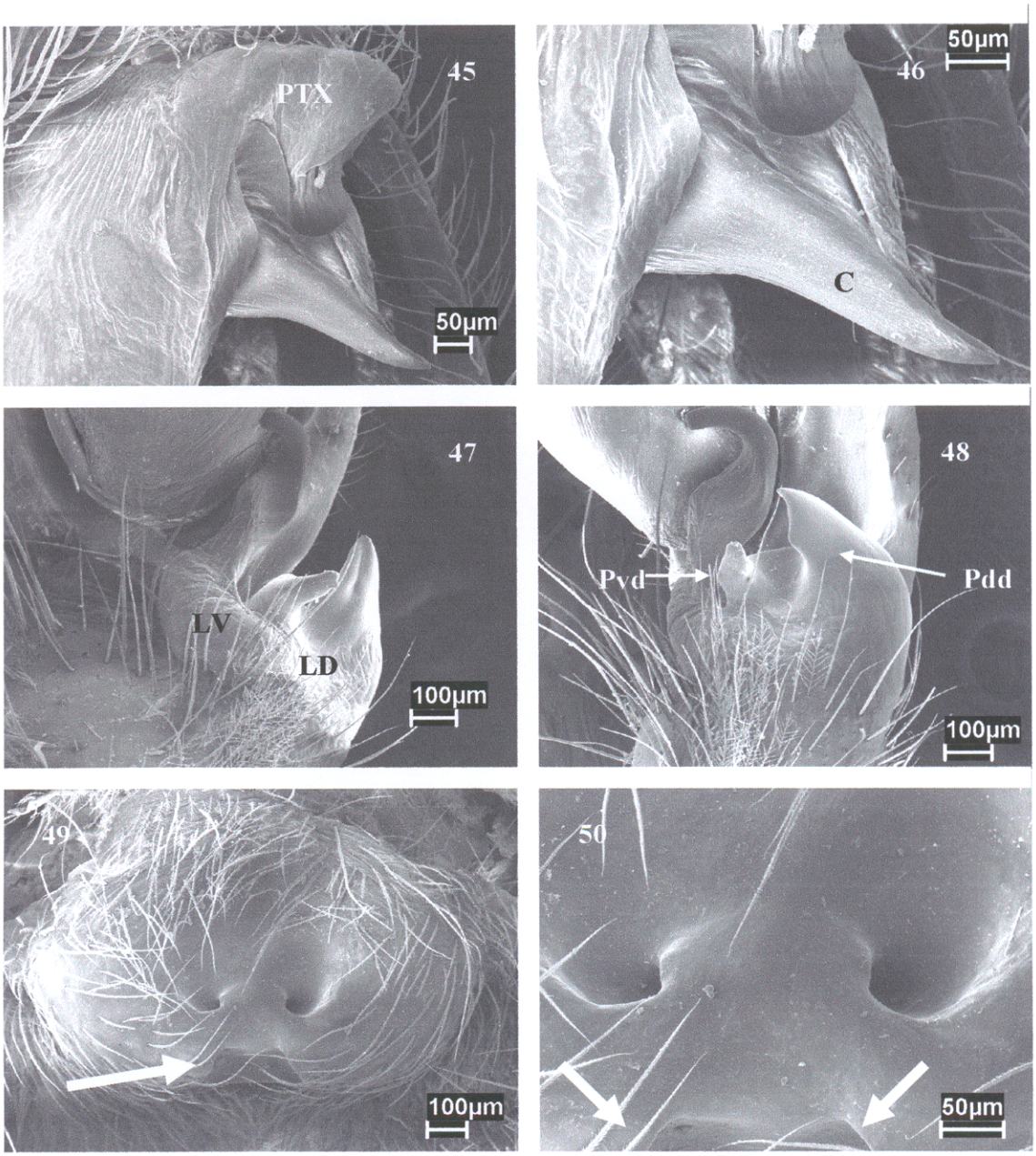
tíbia d 0, p 0, r 0, v 2-2-2-2-2-1p; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. II - fêmur d1-1-0 p 0-1-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 2-2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. III - fêmur d1-1-1 p 1-1-1, r 1-1-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1, v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1p. IV - fêmur d 1-1-1, p 0-1-1, r 1-0-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1 v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1r.

Epígino: placa ventral elíptica, não projetada sobre o sulco epigástrico; septo transversal interrompido, interrupção larga (Figs. 49, 54). PVP mais larga que longa (Fig. 55). Espermatecas secundárias globulares, esclerotinizadas; espermatecas primárias fusionadas com as espermatecas secundárias, não encobertas pela placa vulvar (Fig. 55). Ductos de copulação curtos, (Fig. 55).

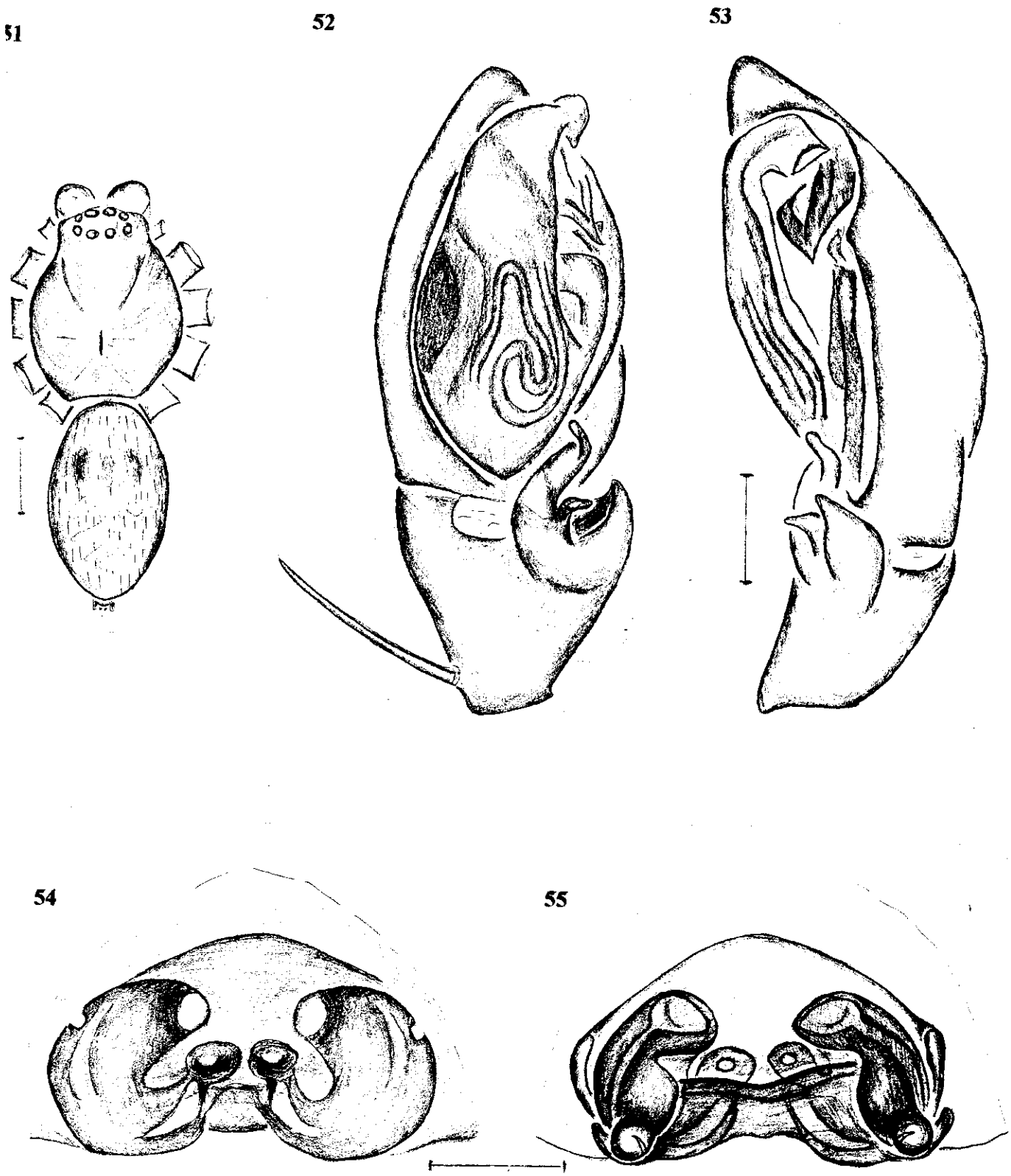
Variação. Comprimento: (9 ♂). total 7,8 – 9,75. Carapaça 3,65 – 4,65. Fêmur I 3,65 – 4,8. (10 fêmeas) total 7,9 – 13,35. Carapaça 3,85 – 5,45. Fêmur I 3,4 – 5,1.

Distribuição geografica. Região norte e centro-oeste do Brasil (Fig. 64).

Material examinado. Parátipos. BRASIL. **Pará**, Santarém, Fátima de Uricurituba, 2♀, 24.I.1994 (MCN 25008, 25017); Tucuruí, Usina Hidrelétrica de Tucuruí, 1♀, X.1984, Equipe IBSP (IBSP 5378). **Amazonas**, Manaus, 1♀, VI-IX.1911, Standford expedition (MCZ), Fazenda Esteio, 1♂, 11.XII.1985, B. C. Klein (MCN 19236), Reserva Florestal Adolpho Ducke, 1♂, 14-22.VIII.1991, A. D. Brescovit (MCN 21439), 1♂, 27.VII.1992, 2♂, 03.IX.1991, 1♂, 14.IX.1992, 2♂, 02.II.1992, H. Höfer & T. Gasnier, 1♀, 27.VII.1992, 1♀, 17.II.1992, 1♀, 16.IX.1991, 1♀, 06.I.1992, 1♀, 28.X.1991, 1♀, 02.IX.1991 (INPA) (todos coletados por H. Höfer & T. Gasnier), Rio Tarumã Mirim, 1♂,1♀, 30.IX.1976 (INPA) (todos coletados por J. Adis), 1♀, 01.IV.1985, 1♂, 06.XI.1987 (INPA). **Mato Grosso**, Aripuanã, 1♂, 1979, W. L . Miller (MCZ).



Figs. 45-50, *Xeropigo cotijuba*, palpo do macho e epígino: 45, Ápice do bulbo, ventral; 46, ápice do bulbo, ventral; 47, lobo ventral da ATR, ventral; 48, lobo dorsal da ATR, retrolateral; 49, epígino, ventral (seta: septo transversal da borda posterior do epígino); 50, epígino, aberturas copulatórias (setas: septo transversal da borda posterior do epígino). Abreviaturas. **PTX**: Processo tegular de *Xeropigo*; **C**: Condutor; **LD**: Lobo dorsal; **LV**: Lobo ventral; **Pvd**: Processo ventral do lobo dorsal da ATR; **Pdd**: Processo dorsal do lobo dorsal da ATR.



Figs. 51-55, *Xeropigo cotijuba*: 51, macho, cefalotórax e abdômen, dorsal; 52, 53, palpo do macho: 52, ventral; 53, retrolateral; 54, 55, epígino: 54, ventral; 55, dorsal. Fig. 51 (barra 2 mm); 52, 53 e 54, 55 (barra 0,5 mm), respectivamente na mesma escala.

Xeropigo pachitea, espécie nova

(Figs. 56-59, 64)

Holótipo ♂, Divisória, 1700 m, Huánuco, Peru, 23.IX-03.X.1946, F. Woytkowski (AMNH).

Etimologia. O nome específico é um substantivo em alusão ao Rio Pachitea, que forma a mais importante bacia hidrográfica do Departamento de Huánuco.

Diagnose. Machos de *Xeropigo pachitea* diferem dos machos de *X.* tridentiger, *X. candango* e *X. rheimsae* pela ausência de um processo na base do PTX (Fig. 56); diferem dos machos de *X. camilae* e *X. smedigaari* pelo reservatório apresentando três alças ventrais (Fig. 56); diferem dos machos de *X. cotijuba* pelo ápice do lobo ventral da ATR direcionado ventralmente (Figs. 56, 57); ápices de ambos os processos do lobo dorsal da ATR rombos (Fig. 57). Fêmeas diferem das demais, exceto *X. perene*, pelo septo transversal da borda posterior invaginado (Fig. 58); diferem das fêmeas de *X. perene* pela epígino com depressão mediana da borda posterior grande, trapezoidal em vista ventral (Fig. 58).

Descrição. Macho (Holótipo). Carapaça, enditos e lábio castanho-avermelhados, quelíceras castanho-avermelhadas escuras, esterno alaranjado, pernas amarelas, dorso do abdômen cinza-escuro com uma faixa mediana longitudinal amarelo-clara provida, na região posterior, de ramificações laterais direcionadas posteriormente; ventre do abdômen amarelo-claro na região anterior; região posterior cinza claro.

Comprimento total 8,3. Carapaça: comprimento 4,3. largura 3,65; Olhos diâmetros: OMA 0,41, OLA 0,35, OMP 0,35, OLP 0,35; interdistâncias: OMA-OMA Sub-contíguos, OMA-OLA Sub-contíguos, OMP-OMP 1,5, OMP-OLP 1,5 OMP, OLA-OLP Sub-contíguos, OMP-OMA 1 OMP. Quelíceras: retromargem com 4 dentes subiguais separados; promargem com 3 dentes contíguos, segundo dente maior. Pernas. Comprimento do fêmur – I- 4,45/ II- 4,1/ III- 3,75/ IV- 4,8. Espinulação: I - fêmur d 1-1-1, p 0-1-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 1p-2-2-2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. II - fêmur d 1-1-1, p 0-1-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 2-2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. III - fêmur d 1-1-1, p 1-1-1, r 1-1-1 (1-0-1d), v 0; tíbia d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1r. IV - fêmur d 1-1-1, p 0-1-1, r-1-0-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1, v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1r.

Palpo do macho. Tíbia relativamente longa, com cerca da metade do tamanho do címbio; lobo ventral da ATR, de ápice direcionado ventralmente, com área mediana pouco esclerotinizada não projetada; lobo dorsal da ATR com dois processos; processo ventral proeminente de ápice rombo; processo dorsal largo, de ápice rombo, esclerotinizado (Figs. 56, 57). Címbio com processo retrolateral basal pouco pronunciado; processo cimbial basal prolateral inconspícuo (Figs. 56, 57). Reservatório muito espiralado, com três alças ventrais (Fig 56). PTX sem processo basal; curvatura distal do PTX gradual, com uma projeção romba (Fig. 56); condutor de ápice gradualmente afilado (Fig. 56).

Fêmea (Parátipo). Coloração como no macho.

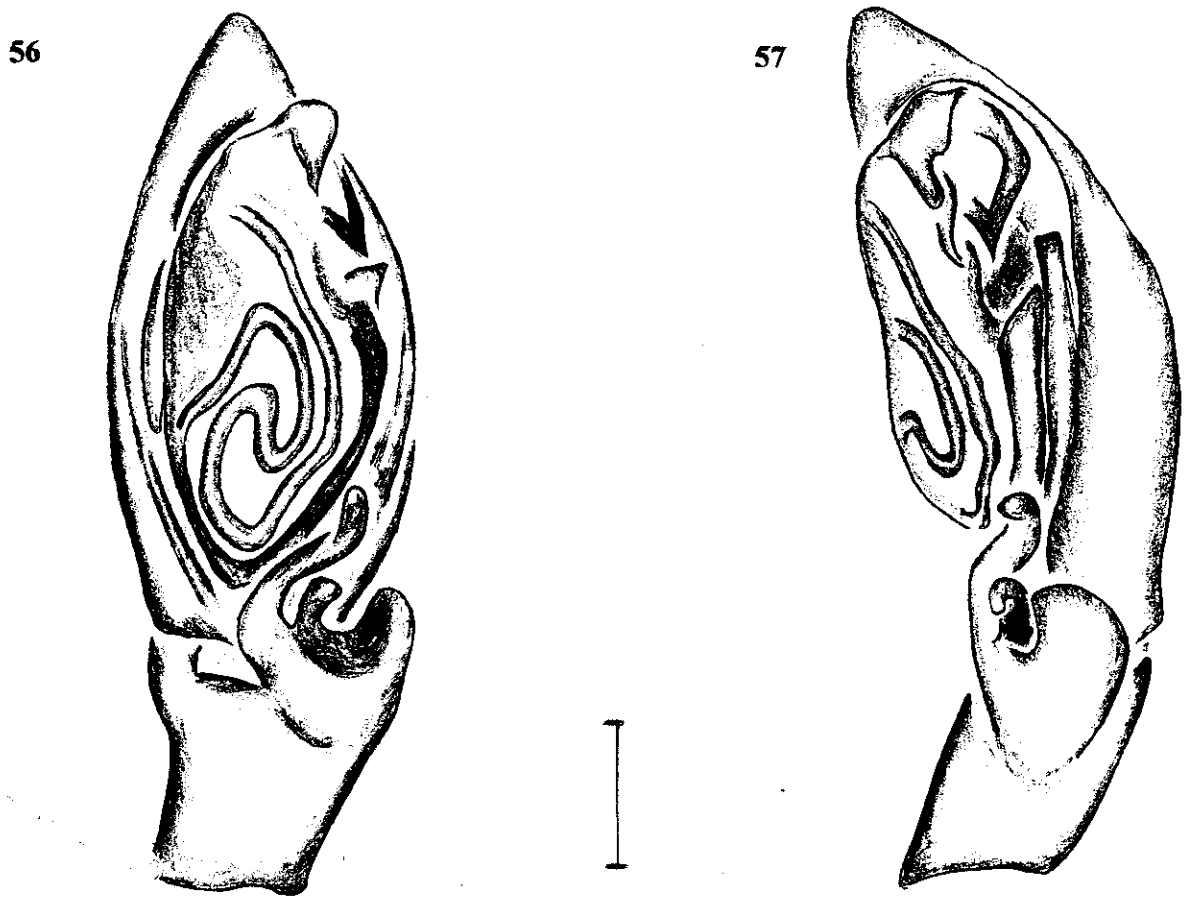
Comprimento total 11. Carapaça: comprimento 5,55, largura 4,6. Olhos diâmetros: OMA 0,35, OLA 0,3, OMP 0,25, OLP 0,25; interdistâncias: OMA-OMA sub-contíguos, OMA-OLA sub-contíguos, OMP-OMP 1,5, OMP-OLP 1,5 OMP, OLA-

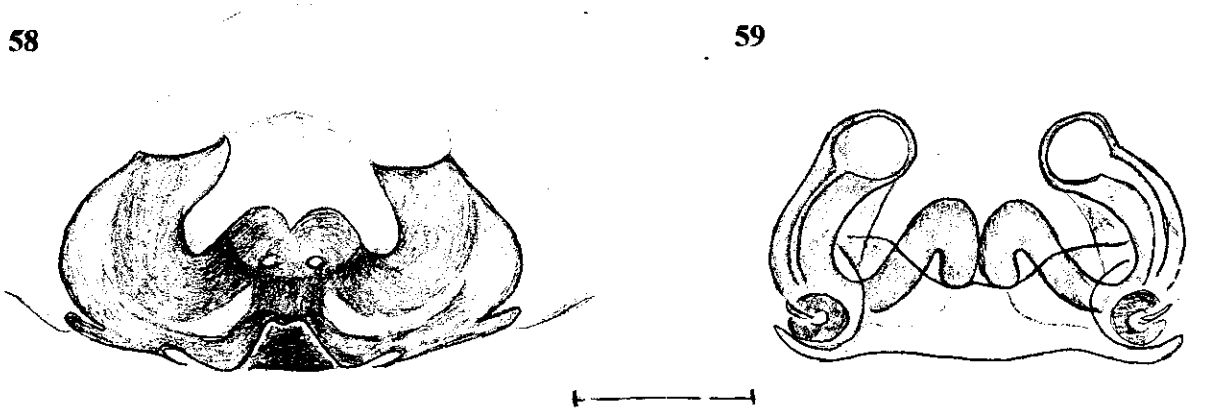
OLP sub-contíguos, OMP-OMA 1 OMP. Quelíceras como no macho. Comprimento do Fêmur – I-5,75/ II- 5,3/ III- 5,2/ IV- 5,8. Espinulação: I - fêmur d 1-1-0, p 0-1-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 2-2-2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. II - fêmur d 1-1-0 p 0-1-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 1p-2-2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. III - fêmur d1-1-1 p 1-1-1, r 1-1-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1, v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1p. IV - fêmur d 1-1-1, p 0-1-1, r 0-1-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1 v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1r.

Epígino composto por uma placa ventral esclerotinizada, elíptica, não projetada sobre o sulco epigástrico; septo transversal não interrompido (Fig. 58). Vulva com PVP mais larga que longa (Fig. 59). Espermatecas secundárias globulares, esclerotinizadas; espermatecas primárias não encobertas pela placa vulvar (Fig. 59). Ductos de copulação curtos, (Fig. 59).

Distribuição geografica. Peru: Huánuco e Cajamarca (Fig. 64).

Material examinado. Parátipo. PERU. **Cajamarca**, 1♀, 19.I.1955, E. I. Schilinger & E. S. Ross (CAS).





Figs. 56-59, *Xeropigo pachitea*, palpo do macho e epígino: 56, palpo, ventral; 57, retrolateral; 58, epígino, ventral; 59, epígino, dorsal. Figs. 56, 57 e 58, 59 (barra 0,5 mm), respectivamente na mesma escala.

Xeropigo perene, espécie nova

(Figs. 60, 61, 64)

Holótipo ♂, Rio Perene, Colonia Perene, 18 mi NE La Merced, Junin, Peru, 03.I.1955, E. I. Schlinger & E. S. Ross (CAS).

Etimologia. O nome específico é um substantivo em aposição a localidade-tipo.

Diagnose. Fêmeas de *Xeropigo perene* diferem das demais, exceto *X. pachitea*, pelo epígino com septo tranversal da borda posterior invaginado (Fig. 60); diferem das fêmeas de *X. pachitea* pelo epígino uma depressão mediana na borda posterior pequena, triangular em vista ventral (Fig. 60).

Descrição. Fêmea (Holótipo). Carapaça, enditos e lábio castanho-avermelhados, quelíceras castanho-avermelhadas escuras, esterno alaranjado, pernas amarelas, dorso do abdômen cinza-escuro com uma faixa mediana longitudinal amarelo-clara provida, na região posterior, de ramificações laterais direcionadas posteriormente; ventre do abdômen amarelo-claro na região anterior; região posterior cinza claro.

Comprimento total 8,05. Carapaça: comprimento 4. largura 3,4; Olhos diâmetros: OMA 0,4, OLA 0,3, OMP 0,3, OLP 0,3; interdistâncias: OMA-OMA Sub-contíguos, OMA-OLA Sub-contíguos, OMP-OMP 2, OMP-OLP 1,5 OMP, OLA-OLP Sub-contíguos, OMP-OMA 1,5 OMP. Quelíceras: retromargem com 4 dentes subiguais separados; promargem com 3 dentes contíguos, segundo dente maior. Comprimento do Fêmur – I- 3,75 / II- 3,65 / III- 3,4 / IV- 4,1. Espinulação: I - fêmur d 1-1-0, p 0-0-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 1p-2-2-2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. II - fêmur d 1-1-0,

p 0-1-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 1p-2-2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. III - fêmur d 1-1-1, p 1-1-1, r 1-1-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1, v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1p. IV - fêmur d 1-1-1, p 0-1-1, r 1-0-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1, v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1p.

Epígino: placa ventral elíptica, não projetada sobre o sulco epigástrico; septo transversal não interrompido, invaginado (Fig. 60). Vulva com PVP mais larga que longa (Fig. 61). Espermatecas secundárias globulares, esclerotinizadas; espermatecas primárias encobertas parcialmente pela placa vulvar (Fig. 61). Ductos de copulação curtos (Fig. 61).

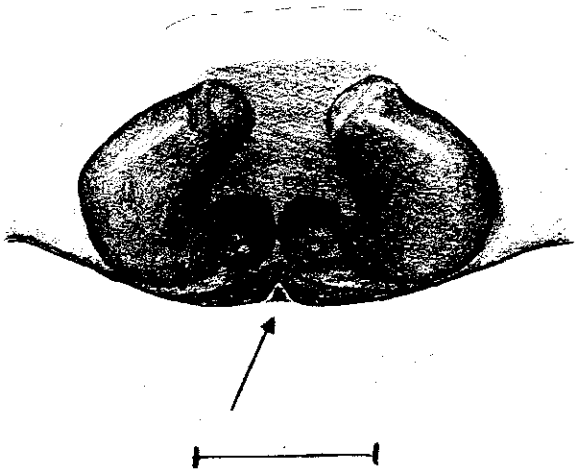
Macho (desconhecido)

Variação. Comprimento: (2 ♀) total 8,05 – 8,5. Carapaça 4,0 – 4,2. Fêmur I 4,0 – 4,1.

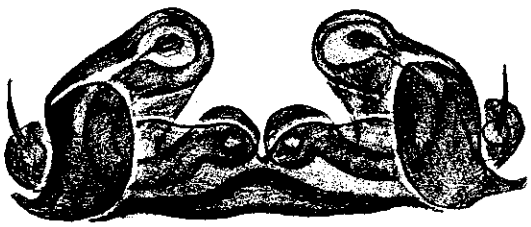
Distribuição geográfica. Peru: Junin e Loreto (Fig. 64).

Material examinado. Parátipo. PERU. Loreto, Jenaro Herrera, 1♀, 28.VIII.1988, B. Roth (CAS).

60



61



Figs. 60, 61, *Xeropigo perene*, epígino: 60, ventral (seta: depressão mediana na borda posterior); 61, dorsal. Figs. 60, 61 (barra 0,5 mm).

***Xeropigo brescoviti*, espécie nova**

(Figs. 62, 63, 64)

Holótipo ♂, El Trapiche, Estación Biologica del Beni, Beni, Bolivia, 27-29.VII.1993, A. D. Brescovit (IBSP 51175).

Etimologia. O nome específico é um patronímico em homenagem ao aracnólogo Dr. Antonio Domingos Brescovit, coletor do holótipo.

Diagnose. Machos de *Xeropigo brescoviti* diferem dos demais, exceto *X. smedigaari*, pelo reservatório com quatro voltas proximais (Fig. 62); diferem dos machos de *X. smedigaari* pelo processo ventral do lobo dorsal da ATR proeminente, de ápice agudo (Fig. 63); reservatório com a primeria alça não sobreposta a porção distal (Fig. 62); condutor de ápice abruptamente afilado (Fig. 62).

Descrição. Macho (Holótipo). Carapaça, enditos e lábios castanho-avermelhados, quelíceras castanho-avermelhada escuras, pernas amarelas, esterno alaranjado, dorso do abdômen cinza-escuro com uma faixa mediana longitudinal amarelo-clara provida na região posterior, de ramificações laterais direcionadas posteriormente; ventre do abdômen amarelo-claro na região anterior; cinza-claro na região posterior.

Comprimento total 8,4. Carapaça: comprimento 4,2, largura 3,5; Olhos diâmetros: OMA 0,4, OLA 0,35, OMP 0,3, OLP 0,3; interdistâncias: OMA-OMA Sub-contíguos, OMA-OLA Sub-contíguos, OMP-OMP 1,5, OMP-OLP 2 OMP, OLA-OLP Sub-contíguos OMP-OMA 1 OMP. Quelíceras: retromargem esquerda com 5 dentes sub-iguais separados; retromargem direita com 4 dentes subiguais separados;

promargem com 3 dentes contíguos, segundo dente maior. Pernas. Comprimento do Fêmur – I- 4,2 / II- 3,75 / III- 3,65 / IV- 4,6. Espinulação: I- fêmur d 1-1-0, p 0-1-1d (0-0-1e), r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 2-1p-2-2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. II - fêmur d 1-1-0, p 0-1-1, r 0, v 0; tíbia d 0, p 0, r 0, v 2-2-2-2; metatarso d 0, p 0, r 0, v 2-2. III - fêmur d 1-1-1, p 1-1-1, r 1-1-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1, v 2-2-2; metatarso d 0, p 0-1-1, r 0-1-1, v 2-2-1r. IV - fêmur d 1-1-1, p 0-1-1, r 1-0-1, v 0; tíbia d 0, p 0-1-1, r 0-1-1, v 2-2-2; metatarso d 0, p 1-1-1, r 1-1-1, v 2-2-1r.

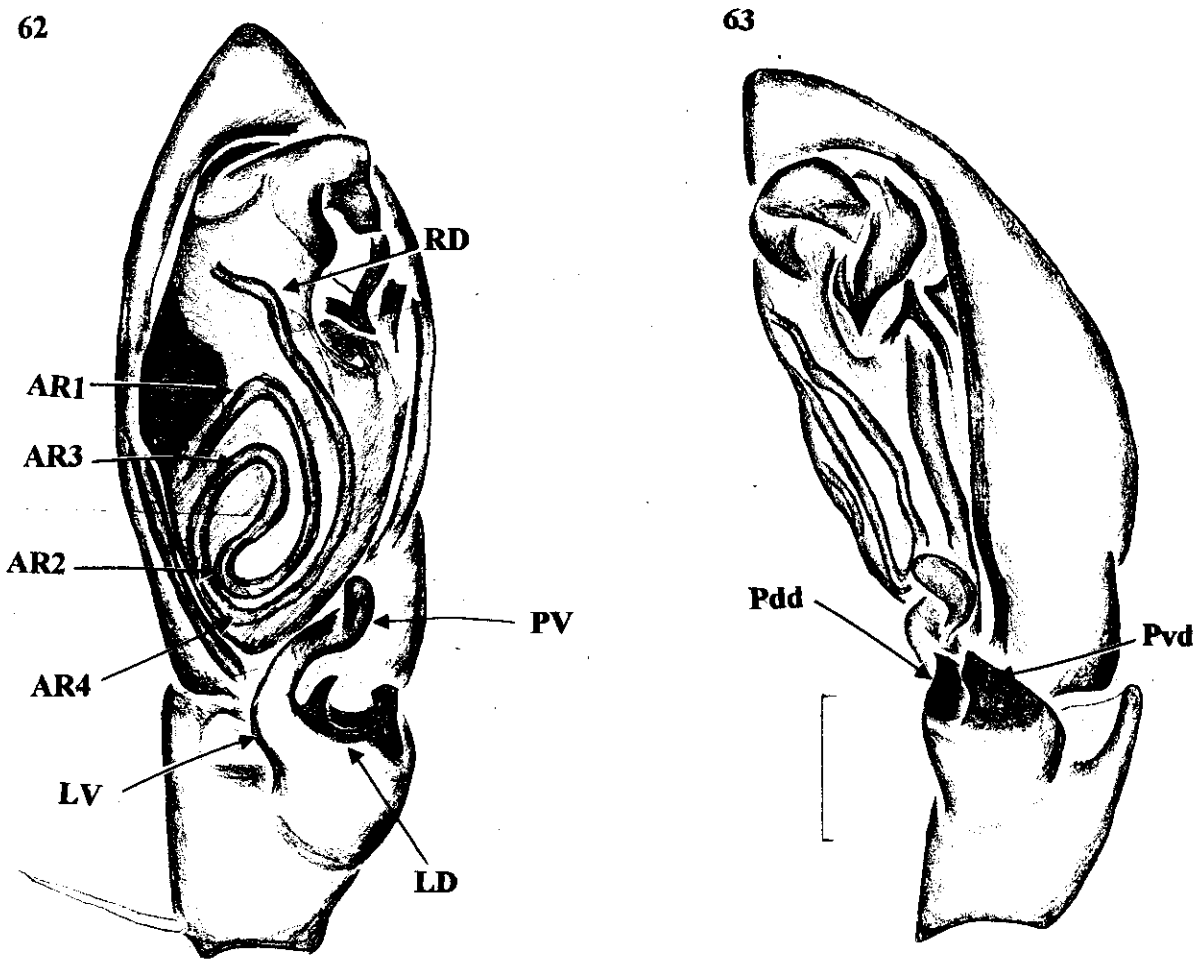
Palpo do macho. Tíbia relativamente curta, com cerca de um terço do comprimento do címbio; lobo ventral da ATR de ápice direcionado ventralmente, com área mediana pouco esclerotinizada não projetada; lobo dorsal da ATR com dois processos; processo ventral proeminente, de ápice agudo; processos dorsal e ventral de ápices agudos, esclerotinizados (Figs. 62, 63). Címbio com processo retrolateral basal pouco pronunciado; processo cimbial basal prolateral inconspícuo (Figs. 62, 63). Reservatório muito espiralado, com quatro alças ventrais (Fig 62). PTX sem processo basal; curvatura distal do PTX gradual, com uma projeção romba (Fig. 62); condutor de ápice abruptamente afilado (Fig. 62).

Fêmea (Desconhecida).

Variação. Comprimento: (2♂) total 8,4 -8,5.

Distribuição. Bolívia (Fig. 64).

Material examinado. Parátipo. Bolívia. Beni, **Estación Biológica del Beni**, El Trapiche, 1♂, VIII.1993, H. Höfer (MCN 24155).



Figs. 62, 63, *Xeropigo brescoviti*, palpo do macho: 62, ventral; 63, retrolateral. Abreviaturas: AR1, 1ª alça ventral do reservatório; AR2, 2ª alça ventral do reservatório; AR3, 3ª alça ventral do reservatório; AR4, 4ª alça ventral do reservatório; LD, lobo dorsal da ATR; LV, lobo ventral da ATR; Pdd, processo dorsal do lobo dorsal da ATR; PV, processo ventral da ATR; Pvd, processo ventral do lobo dorsal da ATR; RD, área distal do reservatório. Figs. 62, 63 (barra 0,5 mm).

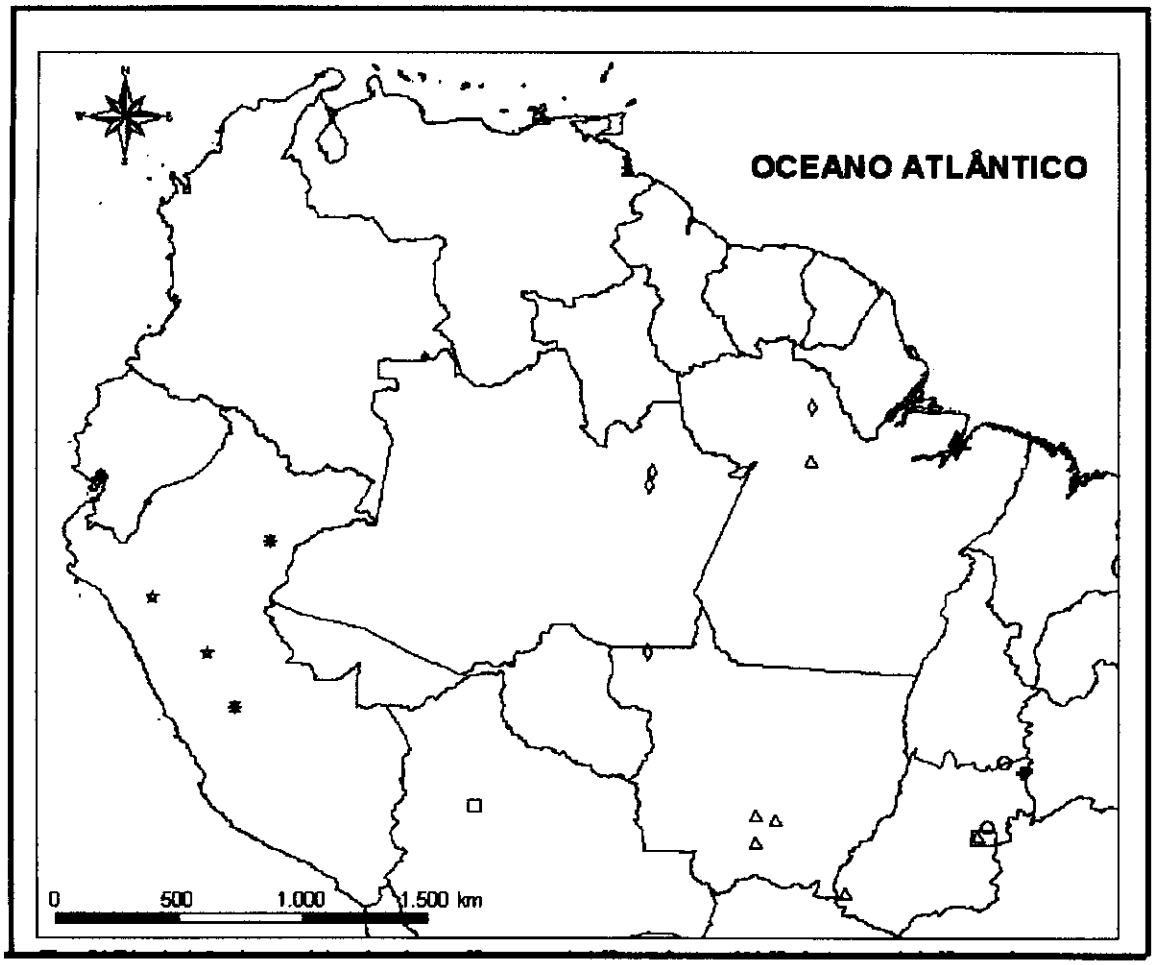


Fig. 64. Distribuição das espécies novas do gênero *Xeropigo*.(○) *X. candango;* (✣)*X. rheimsae;* (△) *X. camilae;* (◊)*X. cotijuba* (☆) *X. pachitea*(✱) *X. perene;* (□) *X. brescoviti*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENOIT, P. L. G. 1977. La faune terrestre de l'île de Sainte Helène IV. Fam. Clubionidae. **Anuls Mus. R. Afr. Cent.** Tervuren, **220**: 64-81.

BONALDO, A. B. 1994. A subfamília Eutichurinae na região neotropical, com revisão do gênero *Eutichurus* Simon, 1896 (Araneae, Miturgidae). **Iheringia**, série zoologia, Porto Alegre, (**76**): 101-159.

___. 1996. On the identity of the type species *Corinna rubripes* C. L. Koch, 1842, with remarks on the taxonomy of the genus (Araneae, Corinnidae). **Revue Suisse Zool.**, Genève, **V. Hors serie**: 79-86.

___. 1997. On the neotropical spider genus *Ianduba* (Araneae, Corinnidae). **Iheringia**, Série Zoológica, Porto Alegre, **83**: 165-180.

__. 2000. Taxonomia da subfamília Corinninae (Araneae, Corinnidae) nas regiões neotropicais e neárticcas. **Iheringia**, Série Zoológica, Porto Alegre, **89**: 3-148.

___. & BRESCOVIT, A. D. (no prelo). On new species of the neotropical genus *Attacobius* Mello-Leitão, 1923 (Araneae, Corinnidae, Corinninae), with a cladistic analysis of the tribe Attacobini. **Insect Systematic and Evolution**, Copenhagen.

BONNET, 1956. **Bibliographia Araneorum**. Toulouse, Douladore. Vol. 2 Part 2, p. 919-1926.

___. 1958. **Bibliographia Araneorum**. Touluse, Douladore. Vol. 2 Part 4, p. 3027-4230.

BOSSELAERS, J. & JOCQUÉ, R. 2002. Studies in Corinnidae: cladistic analysis of 38 corinnid and liocranid genera, and transfer of Phrurolithinae. **Zoologica Scripta**, **31**: 241-270.

BRIGNOLI, P. M. 1983. **A catalogue of the Araneae described between 1940 and 1981**. Manchester: Manchester University. 755 p.

CAPORIACCO, L. 1955. Di. Estudios sobre los Aracnidos de Venezuela. 2ª parte: Araneae. **Acta Biol. Venez.**, Caracas, 1(16): 265-451

KARSCH, F. 1880. Arachnologische Blätter. **Z. Naturw.**, Leipzig, **53**: 373:409.

KEYSERLING, E. G. 1887. Neue Spinnen aus Amerika. VII. **Verh. Zool. –Bot. Ges. Wien**. Wien, **37**: 421-490.

___. 1891. **Die Spinnen Amerikas**. Nürmberg, Bauer. v. 3, 178 p.

KOCH , L. 1842. **Die Arachniden**. Nürmberg, v. 9, 108 p.

LEHTINEN, P. 1967. Classification of the Cribellate spiders and some allied families, with notes on the evolution of the suborder Araneomorphae. **Annales Zoologici Fennici**, Helsinki, **4**: 199-468.

LEVI, H. W. 1965. Techniques for the study of spider genitalia. **Psyche**. **72**: 152-158.

MELLO-LEITÃO, 1923. Novas Clubionidas do Brasil. **Archos Esc. sup. Agric. Med. vet.**, Niterói, **6** (1-2): 17-56.

___. 1937. Um gênero e sete espécies novas de aranhas. **Mems Inst. Butantan**, São Paulo **11**: 311-317.

PETRUNKEVITCH, A. 1911. A synonymic index-catalogue of spiders of North, Central and South America with all adjacent islands Greenland, Bermuda, West Indies, Terra del Fuego (sic), Galapagos, etc. **Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.**, New York, **29**: 1-791.

___. 1925. Arachnida from Panama. **Trans. Conn. Acad. Arts Sci.**, New Haven, **27**: 51-248.

___. 1930. The spiders of Porto Rico, part III. **Trans. Conn. Acad. Arts Sci.**, New Haven, **31**: 1-191.

PICKARD-CAMBRIDGE, O. 1869. Notes on some spiders and scorpions from St. Helena with description of new species. **Proc. Zool. Soc. Lond.** London, **1869**: 531-544.

___. 1873. On the spiders of St. Helena. **Proc. Zool. Soc. Lond.** London, **1873**: 210-227.

___. 1882. On the new genera and species of Araneidae. **Proc. Zool. Soc. Lond.** London, **1882**: 423-442.

PLATNICK, N. I. 1975. A revision of the South American spider genus *Trachelopachys* (Araneae: Clubionidae). **American Museum Novitates**, New York, **2589**: 1-25.

___. 1993. Advances in spider taxonomy 1988-1991. With synonymies and transfers 1940-1980. **New York Entomological Society**, New York. 846 p.

___. 1997. Advances in spider taxonomy 1992-1995. With redescription 1940-1980. **New York Entomological Society**, New York. 976 p.

___. 2005. The world spider catalog, version 5.0. **American Museum of Natural History**, on line at http://reserch.amnh.org/entomology/spiders/catalog/index.html. Acessado em 27 de janeiro de 2005.

___. & BAPTISTA, L. R. C. 1995. On the spider genus *Attacobius* (Araneae, Dionycha). **American Museum Novitates**, New York, **3120**: 1-9.

___. & EWING, C. 1995. A revision of the tracheline spiders (Araneae, Corinnidae) of southern of South America. **American Museum Novitates**. New York, **3128**: 1-41.

___. & ROCHA, 1995. On a New Brazilian Spider of the Genus *Trachelopachys* (Araneae, Corinidae) with Notes on Misplaced Taxa. **American Museum Novitates**. New York, **3153**: 1-8.

___. & SHADAB, M. U. 1974a. A revision of the *tranquillus* and *speciosus* groups of the spider genus *Trachelas* (Araneae, Clubionidae) in North and Central America. **American Museum Novitates**, New York, **2553**: 1-34.

___. & SHADAB, M. U. 1974b. A Revision of the *bispinosus* and *bicolor* Groups of the Spider Genus *Trachelas* (Araneae, Clubionidae) in North and Central America and West Indies. **American Museum Novitates**, New York, **2560**: 1-34.

___. & UBICK. 1989. A revision of spider genus *Drasinella* (Araneae, Liocranidae). **Americam Museum Novitates**. New York, **2937**: 1-12.

SIMON, E. 1888. Estudes Arachnologiques. 21^{e} Mémoire. Descriptions d'espèces et de genres nouveaux de l'Amerique centrale et Atilles. **Annls Soc. ent. Fr.**, Paris, **29**: 203-216.

___. 1897a. **Histoire naturelle des araignées**. Paris: Librairie Encyclopedique de Roret. v. 1, fasc. 1, p 192.

___. 1897b. On the spiders of the islands of St. Vicent. Part. III. **Proc. Zool. Soc. Lond.**, London, **1897**: 860-890.

___. 1898. **Histoire naturelle des araignées**. Paris: Librairie Encyclopedique de Roret. v. 1, fasc. 2, p. 193-380.

RAMIREZ, M. J., LOPARDO, L. & BONALDO, A. B. 2001. A review of the Chilean spider genus *Olbus*, with notes on the relationchips of the Coriinidae (Arachnida, Araneae). **Insect Systematic and Evolution**. Copenhagen. **31**: 441-445 p.

REISKIND, J. 1969. The spider subfamily Castianeirinae of North and Central America (Araneae: Clubionidae). **Bulletin of the Museum of Comparative Zoology**, Cambridge, **138** (5): 163-325.

ROEWER, C. F. 1954. **Katalog der Araneae von 1758 bis 1940 bzw. 1954. Vol. 2b**. Institut Royal des Science Naturelles de Belgiques, Bruxelles. 1751 p.